



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE

**COISA DE MENINA! COISA DE MENINO! A PERCEPÇÃO DE
GÊNERO ATRAVÉS DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

LUCIANE DA ROCHA SANTOS DA CUNHA

BRASÍLIA

2013

LUCIANE DA ROCHA SANTOS DA CUNHA

**COISA DE MENINA! COISA DE MENINO! A PERCEPÇÃO DE
GÊNERO ATRAVÉS DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

BRASÍLIA

2013

LUCIANE DA ROCHA SANTOS DA CUNHA

**COISA DE MENINA! COISA DE MENINO! A PERCEPÇÃO DE
GÊNERO ATRAVÉS DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA
EDUCAÇÃO INFANTIL**

Monografia apresentada à comissão
examinadora da Faculdade de Educação da
Universidade de Brasília – UnB como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciado em Pedagogia, sob orientação da
Prof^a. Dr^a. Iracilda Pimentel de Carvalho.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Iracilda Pimentel de Carvalho (Orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Dr^a. Tereza Cristina Siqueira Cerqueira (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB

Prof^a. Dr^a. Sinara Pollom Zardo (Examinadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília – UnB

BRASÍLIA – DF

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

LUCIANE DA ROCHA SANTOS DA CUNHA

COISA DE MENINA! COISA DE MENINO! A PERCEPÇÃO DE GÊNERO ATRAVÉS DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Monografia apresentada à comissão examinadora da
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília
– UnB como requisito parcial para a obtenção do
título de Licenciado em Pedagogia, sob orientação
da Prof^a. Dr^a. Iracilda Pimentel de Carvalho.

Prof^a. Dr^a. Iracilda Pimentel de Carvalho

Prof^a. Dr^a. Tereza Cristina Siqueira Cerqueira

Prof^a. Dr^a. Sinara Pollom Zardo

BRASÍLIA – DF

2013

FICHA CATALOGRÁFICA

Cunha, Luciane da Rocha Santos da

COISA DE MENINA! COISA DE MENINO! A PERCEPÇÃO DE GÊNERO ATRAVÉS DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL 2013. PG.56. FE-UnB, Licenciatura, Pedagogia, 2013.

Monografia de Prática e Pesquisa II. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação, Pedagogia.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CUNHA, Luciane da Rocha Santos **COISA DE MENINA! COISA DE MENINO! A PERCEPÇÃO DE GÊNERO ATRAVÉS DOS BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Monografia de Prática e Pesquisa II. Universidade de Brasília, Faculdade de Educação. Brasília-DF. 2013. PG 56.

“Ser um homem feminino, não fere o meu lado masculino. Se Deus é menina e menino, sou masculino e feminino. Olhei tudo que aprendi e um belo dia eu vi. E vem de lá o meu sentimento de ser, meu coração, mensageiro vem me dizer.” Pepeu Gomes.

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	viii
LISTA DE QUADROS	ix
LISTA DE FIGURAS	x
RESUMO	xi
AGRADECIMENTOS	xiii
INTRODUÇÃO.....	1
PARTE I – MEMORIAL	3
PARTE II – MONOGRAFIA.....	12
CAPÍTULO 1 – SENTA QUE LÁ VEM A HISTORINHA.....	12
2.1 – Educação Infantil.....	12
2.2 – Educação Feminina.....	16
2.3 – Educação e Gênero	18
CAPÍTULO 2 – EU VOU, EU VOU PRA ESCOLA AGORA EU VOU	22
3.1 – Abordagem da Pesquisa.....	22
3.2 – Local da Pesquisa	22
3.3 – A sala de aula.....	24
3.4 – As alunas e os alunos.....	25
3.5 – A Professora	26
3.6 – Oficina: Coisa de menina. Coisa de menino.	32
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	57
APÊNDICES	60

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRA – Centro de Referência de Alfabetização
EC – Escola Classe
ECA – Estatuto da Criança e Adolescente
EM – Ensino Médio
FE – Faculdade de Educação
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC – Ministério da Educação
PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE – Plano Nacional de Educação
PPP – Projeto Político Pedagógico
RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil
RCN – Referencial Curricular Nacional
SEDF – Secretaria de Educação do Distrito Federal
TGD – Transtornos Globais do Desenvolvimento
UFPa – Universidade Federal do Pará
UnB – Universidade de Brasília
UniCEUB – Centro Universitário de Brasília

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Brincadeiras de meninas e meninos	34
Quadro 2 – Meninas e meninos podem brincar	36
Quadro 3 – Meninas e meninos podem brincar	37
Quadro 4 – Hoje eu vou brincar	47
Quadro 5 – Hoje eu vou brincar	48

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da sala de aula.....	23
Figura 2 – Meninos brincam de boneca?.....	39
Figura 3 – Curso Gênero e Diversidade na Escola.....	52

RESUMO

A presente pesquisa monográfica verifica as percepções de gênero de professores (as), alunas e alunos da educação infantil, em sala de aula, através de brinquedos e brincadeiras no cotidiano escolar de uma instituição pública do Distrito Federal. Momentos estes que revelam como os pequenos estudantes enxergam o mundo, manifestando dessa forma percepções adquiridos no núcleo familiar sobre os sexos feminino e masculino. A metodologia usada é de abordagem qualitativa onde os dados foram coletados mediante observações participantes realizada em oficina com atividades lúdicas junto as crianças no período de aula. Os resultados obtidos nesta pesquisa demonstram que a prática pedagógica pode diminuir as desigualdades de gênero proporcionando uma reflexão sobre “coisas de menina” e “coisas de menino” nos momentos de brincadeira, possibilitando enxergar novas formas de ser menino e de ser menina.

Palavra-chave: gênero, educação infantil, brinquedos, brincadeiras.

DEDICATÓRIA

Às mulheres e aos homens de minha vida.

À minha mãe Paula Regina Rocha que com lágrimas e orações me criou;

À minha avó Cecília Rocha (*in memoriam*) que com sábias palavras me aconselhou;

Ao meu marido Fábio Alfaia que com seu verdadeiro amor me transformou, ajudou, incentivou;

À nossa filha Paola e ao nosso filho Pedro pelo amor incondicional que de mim se apossou.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um ato nobre do ser humano, pois é nesse momento que reconhecemos que sozinhos não seríamos capazes de grandes conquistas. Agradeço a todos que de alguma maneira me proporcionaram a chance de chegar até aqui.

Agradeço a Deus que me deu vida, saúde e que pôs em meu coração desejos que venho realizando em minha longa caminhada. Agradeço pela força que me fez descobrir que existia dentro de mim. Agradeço pela realização de mais um sonho: Ensino Superior.

Agradeço a minha família, em especial a minha mãe Paula Regina Rocha que me deu o que tinha de melhor em sua vida, pois me concedeu sua juventude, seu amor, seu carinho, suas lágrimas sempre pedindo a Deus por mim em suas orações.

Agradeço a minha querida avó materna Cecília Rocha (*in memorian*) que assumiu a minha paternidade, por sua forte presença em minha jornada, sempre me ensinando a refletir sobre questões da vida, dando conselhos que trago ainda hoje em meu coração. Me ensinando que mulher fraca, não é a mulher que chora, mas a mulher que desiste dos seus sonhos.

Agradeço a minha querida Justina Magalhães (*in memorian*) que também teve um papel fundamental em meu percurso. Em sua simplicidade foi minha segunda mãe, minha segunda avó, meu anjo amigo. Obrigada querida Juca.

Agradeço aos meus tios maternos Jorge Luís, Pedro Paulo, João Batista e as minhas queridas tias Ana Marilda, Ângela Maria, Helena Francisca, Rita, Rosa e Carmem (*in memorian*) por toda ajuda nas dificuldades na infância e juventude.

Agradeço ao meu irmão júnior e minha irmã Danielle por suas presenças em minha história, pelos anos vividos juntos sem perder a fé e a esperança em dias melhores, pelas longas conversas, pelos choros, pelas lamentações, pelas boas risadas, pelos momentos felizes, pelos conflitos que nos fizeram superar dificuldades que nos foram impostos ainda muito crianças.

Agradeço a igreja de minha infância, em especial ao departamento da Ação Social que nunca nos abandonou na hora da necessidade. Agradeço ao querido Pastor Sinval Cardoso por seu carinho paternal. Agradeço aos amigos e amigas da Napoleão Laureano que mesmo na tristeza me faziam sorrir.

Agradeço ao homem que reconstruiu em mim a credibilidade do ser masculino, me fazendo enxergar além de minhas feridas e mais do que isso, a superar minhas dores escondidas. Obrigada Fábio Alfaia da Cunha por ser este homem que transformou minha vida, que me ensinou a amar, que me ensinou a voar, que me mostrou um novo mundo, que me fez acreditar que podia ser muito mais do que eu imaginava. Obrigada por ser este homem, amigo, conselheiro, cúmplice, marido e pai maravilhoso que é. A você meu eterno obrigada.

Agradeço também aos meus pequeninos Paola e Pedro, crianças que me ensinam todos os dias as dores e os prazeres de ser mãe. Com vocês aprendi que qualquer dor, obstáculo, cansaço, tristeza podem desaparecer diante de um sorriso. Obrigada querida filha e querido filho por seu amor puro.

Agradeço aos professores e professoras da Faculdade de Educação que durante estes anos me proporcionaram conhecimentos teóricos e práticos durante a graduação. Agradeço também aos docentes que foram solícitos a minha maternidade e que buscaram a melhor maneira de me ajudar, demonstrando assim se importarem com os estudantes que necessitam de compreensão. Meu muito obrigada aos Doutores e Doutoradas, Mestres e Mestras da Faculdade de Educação, do curso de Pedagogia.

Agradeço especialmente a minha orientadora Dra. Iracilda Pimentel Carvalho que mesmo sem me conhecer abraçou comigo a temática trabalhada nesta pesquisa. Seus conhecimentos, sua didática, seu tempo, seus conselhos, seus sorrisos e alegria foram excelentes companheiros nesta empreitada. Obrigada querida professora.

Agradeço também a professora Sinara Zardo por sua dedicação, compreensão, conhecimentos e ajuda primordial na conclusão deste Trabalho Final de Curso.

Agradeço aos amigos e amigas que conquistei durante esta longa caminhada. Foram muitas amizades, muitos sorrisos, muitas dúvidas, muitas alegrias, muitas angústias e incertezas, foram muitas brincadeiras, cumplicidades e realizações. Muito

obrigada especialmente as queridas amigas Ana Prado, Danielce Corrêa, Hélia Samara, Andreia Soares, Terezinha Costa, Laís Caetano, Aline Avellar e demais colegas por momentos inesquecíveis que o tempo não apagará.

Agradeço também a Escola da Praça onde realizei meu estágio e coleta de dados para minha pesquisas. Meus sinceros agradecimentos a direção da escola, a professora que me acolheu em sua sala de aula e aos alunos e alunas da educação infantil.

Aqui deixo registrado o meu muitíssimo obrigada a todos e todas que de alguma maneira me ajudaram a percorrer esta longa caminhada que hoje chega a conclusão, mas não ao fim, pois ainda há muito a ser percorrido.

Muito Obrigada!

INTRODUÇÃO

Este trabalho monográfico é constituído de três partes, sendo divididos da seguinte maneira:

Na Parte I: Memorial, no qual trago minhas lembranças sobre memórias de vida e memórias escolares descrevendo os caminhos percorridos em minha trajetória que me guiaram até aqui.

Na Parte II: Monografia que encontra-se subdividida em capítulos: No 1º capítulo realizo um breve levantamento histórico a respeito da educação infantil, da educação feminina e das questões de gênero segundo os referenciais teóricos com o intuito de elucidar o leitor a respeito das concepções desta teoria. No 2º capítulo será abordado a metodologia intercalada com referenciais teóricos para a realização do trabalho onde estão presentes os relatos das observações colhidas no cotidiano da sala de aula e as análises da coleta de dados obtidos através da oficina ministrada aos alunos e alunas. No 3º capítulo faço as considerações finais desta pesquisa.

Na III Parte: Perspectivas Profissionais no qual falo sobre minhas expectativas como futura profissional da educação.

Neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) pretendo refletir sobre as relações de gênero presentes no cotidiano das alunas e alunos da educação infantil dentro da sala de aula sem propor uma solução definitiva para as questões aqui abordadas, mas buscando contribuir para a prática pedagógica sobre as percepções infantis dos brinquedos e brincadeiras que ocorrem na escola trabalhando a temática de gênero.

A presente pesquisa monográfica tem como objetivo entender os contextos em que as crianças encontram-se inseridas e como suas percepções sobre as questões de gêneros se revelam no cotidiano escolar, além disso, este trabalho pretende verificar como o profissional da educação trabalha a temática em sala de aula. Sabe-se que no dia a dia diversas pessoas sofrem com vários tipos de discriminação, porém, dentre todos os preconceitos encontra-se o de gênero. Vale ressaltar que estas relações de gênero estabelecidas em nossa sociedade apenas reproduzem as desigualdades entre o masculino e feminino, no entanto, a temática de gênero ainda não é profundamente trabalhada em sala de aula, mesmo sendo ela uma importante ferramenta na luta pela diminuição das desigualdades impostas pela sociedade. Por isso, abordar a temática de gênero no ambiente escolar é uma maneira educativa de promover uma reflexão sobre esse assunto

na tentativa de modificar paradigmas que ainda pairam na sociedade como “homens não choram” ou “mulheres são delicadas”.

Nesta pesquisa usei como instrumento para a coleta de dados observações participantes, realizadas em sala de aula na etapa de educação infantil em instituição pública do Distrito Federal. Nesta pesquisa de campo realizei oficina com as crianças através de atividades com desenhos, brinquedos, brincadeiras e leituras de livros infanto-juvenis com o intuito de verificar suas percepções sobre gênero.

A finalidade desta pesquisa é mostrar como a prática pedagógica em sala de aula na educação infantil pode equalizar o papel dos gêneros na sociedade dentro e fora do ambiente escolar.

Objetivo geral

Verificar as percepções de gênero de professores (as), alunas e alunos da educação infantil, em sala de aula, através de brinquedos e brincadeiras no cotidiano escolar.

Objetivos específicos

Verificar as atitudes das crianças no que se refere às questões de gênero em relação aos brinquedos e brincadeiras no cotidiano da escola.

Verificar e analisar as ações de professoras/res em relação as questões de gênero nas brincadeiras, conversas e costumes das crianças na educação infantil.

PARTE I – MEMORIAL

“O passado é um presente que insiste em não passar”. Mário Quintana.

Assim como muitos, não nasci em berço esplêndido. Durante a maior parte de minha vida cresci em uma “vila” (filme de M. Night Shyamalan – 2004). Minha criação foi baseada na religião de minha família e quando se vive religiosamente, não se tem muitas opções à seguir, pois quase tudo é pecado. Nasci na década de 80 em uma pequena cidade do interior paraense, Curuçá, localizada a 130 Km da capital Belém/Pará. Segundo a história da localidade que encontra-se no nordeste do estado, quando as expedições missionárias aportaram no litoral ainda no século XVII os nativos da região, os índios da etnia dos *Andirás* que ali viviam chamaram para a grande cruz que acompanhava as caravanas jesuíticas de “Curuçá” que em tupi significa *cruz grande*. Os Jesuítas passaram a chamar a cidade recém conquistada pelos portugueses de Vila Nova d' El Rey, porém, mais tarde a vila se transforma oficialmente em cidade e passa a se chamar Curuçá. Séculos se passaram e eis que chega a vez da minha família entrar na história.

Meus pais, assim como toda minha família, tinham origens indígenas e almejavam morar na capital do estado do Pará onde as condições de trabalho eram melhores. No entanto, ambos eram desprovidos de conhecimentos escolares, haja visto que não tinham o Ensino Ginásial completo (os quatro últimos anos do Ensino Fundamental). Porém, isso não foi impedimento para que passassem a residir na Cidade das Mangueiras. Já na Capital minha família assim se constituiu, eu era a primogênita de três filhos, com a diferença de um ano e dois dias eis que nasceu meu único irmão, Júnior, e após dois anos nasceu nossa irmã Danielle. Fomos criados seguindo os rigores impostos pela igreja e nossa vida era limitada pelas seguintes palavras “pecado” e “não pecado”.

Eu e todas as outras crianças que viviam na “vila” não podíamos fazer coisas ditas como simples, cortar cabelo, usar brinco, batom, esmaltes, jogar bola na rua, usar short, calça comprida ou roupas que escandalizasse o próximo. Vaidade era pecado, cinema era desculpa para fazer coisas erradas e a TV era o próprio coração do inimigo de nossas almas. Discordar do pastor era querer receber castigo divino e ser de “esquerda” significava ‘comer criancinhas’ e aquele candidato à presidência da república que se chamava Luís Inácio Lula da Silva, era o próprio falso profeta. Não importava o que fosse, carnaval, coelhinho da páscoa, festa junina, dia das bruxas, saci pererê, matinta pereira, curupira, fada do dente, lobisomem, festa do Círio de Nazaré e papai noel não passavam

de grandes mentiras, ou seja, tudo era pecado. E assim, paradoxalmente todos vivam na “vila” com medo de viver.

Minha primeira lembrança em relação a escola, foi aos sete anos de idade quando um certo dia minha mãe me acordou bem cedo, vestiu-me um uniforme, uma saia pregueada azul escuro e uma blusa vermelha que tinha como símbolo central o planeta terra azul e uma enorme cruz marrom sobreposta no mundo. Depois de uniformizada, minha mãe disse: *“Hoje você vai para escola, obedeça sua professora. Sua professora será como uma mãe pra você, se você a desobedecer ela tem o direito de te castigar”*. Naquele momento em que estava sendo padronizada para frequentar uma escola religiosa percebi que o ambiente escolar poderia ser um lugar de dor.

Com os olhos marejados, subi na garupa da bicicleta do meu pai que seguiu por um longo caminho até a escola. Ele nem se despediu de mim, simplesmente lacônico, me ordenou que entrasse. Não lembro como cheguei a sala de aula, mas lembro que estava assustada e me fazia de forte para não chorar. Minha professora, aquela que deveria respeitar como minha mãe, se apresentou à turma e disse que seu nome era Maria do Socorro.

A turma deveria ter em média uns 30 alunos, crianças que eu nunca havia visto antes. No entanto, havia um garoto repetente em minha turma e que a professora o chamava de Max, os dois já eram velhos conhecidos e ambos se enfrentavam em calorosos gritos. Max não era o único repetente na turma, haviam outros e outras que aparentemente tinham idades entre 10 e 12 anos. Mas a grande maioria da turma era como eu, crianças de sete anos que estavam frequentando a escola pela primeira vez.

O dia passou tão rápido, lembro de olhar pelas janelas da sala de aula, cheias de grades como prisões e vi que o céu estava nublado e parecia que a noite chegaria a qualquer momento. Meu corpo estava em sala, mas meu espírito estava em casa e eu me perguntava: *O que eu fiz para mamãe me deixar aqui sozinha?* De repente meu corpo e espírito voltaram a ser um, pois ouvi gritos de dor na sala, alguém chorava. A professora segurava um grande galho seco nas mãos, ela havia dado uma “cipoada” nas costas de Max que chorava desesperadamente. Lembrei das palavras de minha mãe e comecei a chorar, acreditava que nunca mais voltaria para casa. Acreditava que meus pais haviam me abandonado. Após o episódio de Max, as crianças foram liberadas para o pátio da escola, enquanto a professora e o aluno foram para a diretoria. Meu olhar fixava-se nos enormes portões que davam para a rua, meu sorriso voltou a me fazer companhia ao

reconhecer entre tantos outros rostos, o rosto do meu tio que me aguardava do lado de fora para me levar de volta à minha casa.

Minha adaptação nos primeiros anos escolares foi um processo demorado. Rapidamente aprendi o caminho da escola e assim sendo, aprendi o caminho de casa. Sempre que via os portões aberto eu pegava os meus cadernos e corria desesperadamente para fugir daquele lugar. Por inúmeras vezes, os funcionários da escola tentavam me alcançar, mas por esta ficar localizada próximo a declives, eu como criança não tinha medo de mergulhar ladeira a baixo e assim me beneficiava do medo dos adultos que logo desistiam de me levar de volta à sala de aula. Chegava em casa e sempre inventava uma desculpa.

O coordenador da escola, encontrou o meu ponto fraco. Ele percebeu o quanto eu gostava de tomar mingau de fubá na merenda e assim negociamos a minha permanência em sala de aula. Se durante a semana eu não fugisse, no último dia de aula da semana vigente, eu ganharia um pacote de massa para levar pra casa, mesmo sendo criança sabia negociar, fechamos um acordo em dois pacotes de fubá. Agora, eu tinha motivos para ficar na escola. Aos poucos minha adaptação na escola foi acontecendo e logo eu não precisava mais de agradinhos para continuar estudando.

Na escola meu contato com as matérias foram se estreitando, no entanto, as dificuldades começaram a se manifestar. Minha mãe se achava incapaz de realizar atividades de matemática comigo e por isso meu pai assumia essa responsabilidade. Apesar de ser meu pai, nunca tivemos intimidade, nossa relação era a seguinte: *eu mando, você obedece!* Lembro que sua didática era de me ensinar a somar e subtrair com palitos de fósforo, mas sua paciência era do tamanho de um grão de areia e assim aos gritos de “*você é burra como sua mãe!*” minha relação com a matéria passou a ser dolorosa. Por me achar incapaz, não resolvia mais as questões de matemática e assim reprovei a 3ª série (atualmente 4º ano). Essa foi a minha primeira reprovação.

A escola era de cunho religioso e se portava igualmente a minha igreja, parecia que ambos se complementavam. Tive aula de religião desde a primeira série, cantávamos e orávamos todos os dias e até hoje tenho gravado em minha mente as orações e as canções. Os diretores da escola eram alemães e os professores na maioria eram gaúchos. No decorrer da 1ª a 4ª série (atualmente 2º ao 5º ano) aprendi a gostar da escola e de suas atividades e já não via mais a infelicidade no ambiente escolar. Aprendi a amar aquele lugar, aquelas pessoas, aqueles colegas e os conhecimentos que ali adquiri. Ainda hoje guardo boas recordações.

Mudei para uma escola onde agora cursaria da 5ª a 8ª série (atualmente do 6º ao 9º ano). Foi um momento conturbador, passei a conhecer a realidade da escola pública. O choque de agora era ter vários professores em um único dia de aula. A falta de regras e normas também foram assustadoras. O desrespeito dos alunos para com os professores era de indignar e a falta de ânimo dos professores era inebriante. Mas já amava a escola e não pensei em desistir.

Na 6ª série (atualmente 7º ano), minha relação com a matemática ficou muito mais conflituosa e como se não bastasse, minha família naquele momento passava por um período delicado. Meus pais se separaram e minha mãe, sem estudo, sem emprego e sem qualquer qualificação, ficou só, com três crianças para cuidar. Como filha mais velha, senti a angústia de um casamento desfeito, o abandono de uma mulher apaixonada e o esquecimento de um pai com seus filhos. Minha mãe entrou em depressão, meus irmãos pequenos não entendiam a gravidade dos fatos e eu como filha mais velha me via responsável por tomar uma decisão.

Comecei a fazer trabalhos a mão para meus colegas da escola, mesmo sem ter computador, pois todos elogiavam minha caligrafia. Fazia capas de trabalho, escrevia resumos, fazia redações, fazia trabalhos manuais para a feira de ciência, vendia papéis de carta. Tudo para colocar algum dinheiro para dentro de casa. Diga-se de passagem, quantia insignificante.

Minha avó materna passou a morar com minha família para dar apoio a minha mãe. Ela tinha uma máquina de escrever, foi quando passei a fazer recibos de vendas, recibos de trocas, copiava hinos evangélicos e depois vendia a folha para os conjuntos da igreja. Minha avó, Cecília Rocha era uma mulher forte ou como ela mesma dizia, uma mulher de brio. Poetisa na cidade de Curuçá ela viajava por pequenos vilarejos vendendo seus livros de poesias que eu datilografava e assim ganhava um troco a mais.

Desse modo o ano passou e eu empenhada em ajudar em casa esqueci de meus deveres com a escola e assim, reprovei a 6ª série (atualmente 7º ano). No ano seguinte, mesmo desestimulada dei continuidade aos meus estudos até que enfim conclui o então 1º Grau. (Ensino Fundamental completo).

A igreja nesse momento foi de fundamental importância para minha família, pois éramos alimentados também pelas ofertas colhidas no culto, nos vestíamos e calçávamos com doações de outras famílias da mesma comunidade ou de primos mais velhos. Porém, não havia uma preocupação em ensinar a viver, a se manter, a pensar, a dar a volta por cima. Pelo contrário, tínhamos que orar cada vez mais para que a nossa vitória chegasse

mais rápido do que podíamos imaginar. Lembro que em minha inocência de criança eu pensava: Mais rápido que do que eu possa imaginar? Então... agora! Infelicidade, eu e minha família continuávamos na mesma situação e mesmo sem conhecer Einstein, logo aprendi que o tempo era relativo e por isso o meu tempo não era o tempo de Deus. Aprendi que a frase “quando menos imaginar” significava “quando você não mais lembrar”.

Com a experiência traumática amadureci muito rápido e tinha certeza do que eu realmente queria, eu queria estudar, trabalhar, queria ser uma mulher independente. Incentivo eu recebi de minha avó materna que acreditava nos sonhos, mas na grande maioria só havia a turma do “Deus proverá”. Porém, minha mãe era a minha fonte inspiradora, pois mais que tudo, eu queria ser diferente dela.

A escola era aceitável até no máximo o antigo 2º grau (atualmente Ensino Médio), o que já era uma grande conquista, pois ajudaria a ter um emprego no comércio local. Durante esse período eu só pensava em arrumar um emprego e por isso meu Ensino Médio foi a pior fase dos meus estudos. Entrei em uma escola pública conceituada em Belém, mas como moradora da baixada e com uma família desempregada não tinha condições de chegar todos os dias na escola que ficava no centro da cidade e assim reprovei o 1º ano do EM. Mesmo com dificuldade, precisava concluir o EM para conseguir um emprego. Foi quando partir para o supletivo custeado pelo governo estadual. Fiz o supletivo e finalmente conclui o Ensino Médio em 2001. Foi quando consegui meu primeiro emprego e assim passei a sustentar minha família. Por fim, havia realizado o desejo de trabalhar. Agora, eu almejava a Universidade Federal do Pará – UFPa.

O Ensino Superior era visto com maus olhos pela comunidade religiosa da qual eu e minha família fazíamos parte. Quem entrava na universidade sempre se esquecia de Deus e nunca mais voltava para a casa do Senhor. Desse modo, muitos não estudavam, pouquíssimos chegavam até o Ensino Médio e raros ousavam pular os muros invisíveis que separavam a minha “vila” da realidade do mundo.

Na igreja, durante o período de adolescência e juventude eu trabalhei como professora de crianças na Escola Dominical e o interesse pela área com o tempo foi crescendo. Passaram-se os anos e continuava trabalhando ministrando conhecimentos bíblicos, além das crianças, agora ensinava adolescentes, jovens e adultos. Na igreja descobri minhas habilidades para ensinar o próximo e trabalhava com muita satisfação.

Durante anos fui admoestada por minha mãe e a igreja para ser uma mulher submissa, de oração, esperando sempre na vontade do Senhor. O sonho de minha mãe agora era me ver casada com um *homem de Deus*, ser esposa de pastor, fazer a obra do

Senhor e ter um bom casamento, como ela não o teve. Mas o sonho de minha mãe para mim era um pesadelo.

Meus anos vividos na igreja foram de grande conhecimento e valores adquiridos, amizades de infância que perduram até hoje, mas o modo como a mulher era vista dentro da comunidade e pelas passagens bíblicas estudadas me deixavam transtornada e pela experiência negativa de vida de minha mãe só me faziam ter a certeza do que eu não queria pra mim. Eu não aceitava e não concordava com o papel secundário e até mesmo desvalorizado que a mulher possuía dentro e fora das comunidades religiosas e por isso eu decidi que não me envolveria com ninguém que não compartilhasse dos meus sonhos e dos meus ideais. Eu queria voar e sair da “vila”, mesmo não tendo a menor ideia do que poderia encontrar do outro lado do muro. Assim como toda mulher eu também sonhava com um príncipe encantado em seu lindo cavalo branco e um dia ele chegou, não em um cavalo, mas montado em uma bicicleta branca. A amizade deu lugar a outros sentimentos e aos poucos suas atitudes desprovidas de machismo e sua vida acadêmica de aluno da minha tão sonhada UFPa foram me fazendo acreditar que existiam homens diferentes da triste referência masculina que pairava em minha história pessoal. Naquele momento eu vi meu “*Sonho de Ícaro*” se tornando realidade.

“Voar, voar. Subir, subir. Ir por onde for. Descer até o céu cair. Ou mudar de cor. Anjos de gás. Asas de ilusão. E um sonho audaz, feito um balão” – Biafra.

Minha família e a igreja foram contra o meu relacionamento, pois ele não era um “escolhido de Deus” e se eu continuasse pagaria um alto preço por minha desobediência. Meu coração ficou dividido, porém, escolhi ouvir a voz da razão.

“Mesmo quando tudo parece desabar, cabe a mim decidir entre rir ou chorar, ir ou ficar, desistir ou lutar; porque descobri, no caminho incerto da vida, que o mais importante é o decidir.” Cora Coralina.

Casei, abandonei minha “vila” e partir para acompanhar meu marido no seu doutorado em Brasília. Chegamos na Capital Federal em 2006 e fui aprovada no 2º vestibular de 2007 no curso de Pedagogia. Descobri que estava grávida ainda no primeiro semestre do curso o que me deixou abalada. Como faríamos? Sem família pra ajudar,

estava em uma cidade estranha e o dinheiro era pouco já que vivíamos de bolsa do doutorado. Mas criança sempre traz consigo sorte e minha filha trouxe a sorte para que meu marido fosse aprovado para ser professor substituto na UnB. Tranquei o curso por dois semestres ficando afastada da universidade no 1º e 2º semestres de 2008. Retornei à graduação, em 1/2009 descobri no semestre seguinte 2/2009 que estava novamente grávida. Outro grande susto!

A segunda gravidez foi muito mais complicada, pois eu não tinha mais direito de trancar, meu marido já estava concluindo o doutorado e sua bolsa de estudo estava prestes a terminar e seu contrato como professor substituto não poderia mais ser renovado. No 1º semestre de 2010 fiz disciplinas como exercícios domiciliares para não atrasar ainda mais o curso. Porém, no 2º semestre deste ano a gravidez passou a ser de risco, pois a placenta descolou, tive que me manter em repouso absoluto e com isso abandonar temporariamente a universidade, abandonei sete disciplinas que estava cursando naquele momento.

Nesse período tudo ficou muito difícil. Eu tomava conta de uma criança fora da barriga (minha filha com um pouco mais de um ano de vida) e de outra em meu ventre. Além disso, nesse mesmo período sofri uma grande perda, minha avó Cecília Rocha partiu e eu não pude me despedir daquela que muito me ajudou.

Acreditava que estava sendo provada. Eu me perguntava, seria Deus me mostrando que eu estaria no caminho errado? Eu pensava em minhas escolhas e algo dentro de mim me fazia acreditar que eu não estava andando por caminhos tortuosos, mas sim trabalhosos.

Contrariando todas as expectativas dos médicos, meu filho chegou ao mundo por vontade própria em abril de 2010, forte e saudável como deve ser um tourinho. Nosso filho também trouxe sorte ao pai, dessa vez meu marido foi aprovado para o cargo de professor efetivo do curso de Engenharia Aeroespacial na Universidade de Brasília, no campus do Gama. Infelizmente ele não pode assumir imediatamente, pois o Governo de Dilma Rousseff havia suspenso a realização de novos concursos públicos e a nomeação dos aprovados dos concursos já realizados. Somente em 2011 ele pode assumir o cargo como professor Adjunto.

No primeiro semestre de 2011 mais uma vez retornei a UnB, porém, não conseguia conciliar as disciplinas do curso, os dois filhos, o casamento, a minha vida de aluna, de dona de casa, de mulher e agora como de mãe. Novamente me vi entre a cruz e espada, entre os filhos e a universidade e mais uma vez adiei o sonho de concluir o Ensino Superior. Abandonei mais um semestre e já não acreditava que conseguiria concluir a

graduação, mas no semestre seguinte, 2/2011, minhas esperanças foram renovadas, pois já tínhamos condição de pagar uma creche e assim minha vida como universitária voltou a percorrer aparentemente normal. Passava a maior parte do dia na Faculdade de Educação e meu marido passava o dia inteiro na Faculdade do Gama. Nesse momento a creche passou a fazer parte de nossas vidas. Sempre me perguntei o porquê de minha mãe nunca ter sentado comigo e explicado o papel da escola e a sua importância. Eu não queria repetir aquele equívoco com meus filhos e mesmo tão pequenos fiz questão de conversar e mostrar que os deixaria na creche, mas que sempre voltaria para buscá-los.

Todos os dias pela manhã eu levava as crianças na creche que era de período integral. Meu coração de mãe sofria muito por ter que deixá-los tão pequenos fora do ambiente familiar e longe dos meus olhos. O sofrimento da separação era nítido nas crianças, sempre choravam e por vezes me faziam chorar e lamentar aquela situação. Durante meu percurso para UnB eu me perguntava se estava fazendo a coisa certa. Ao fim do dia eu e meu marido chegávamos na creche para a felicidade de todos – Pais e filhos.

Na UnB encontrei apoio em várias professoras/res que foram solícitos à maternidade, mas verdade seja dita, também encontrei docentes com corações de pedra, mas eles passarão e eu seguirei meu caminho. Durante as disciplinas de História da Educação estudei como as mulheres na Grécia antiga foram importantes para a educação dos filhos, dentro dos lares e essa disciplina muito contribuiu para meu conhecimento acadêmico assim como muitas que me despertavam para o papel da mulher na educação. Sendo assim, os anos cursados em Pedagogia me identifiquei com várias disciplinas, porém, as que muito contribuíram em minha decisão para o Trabalho Final de Curso (TCC) além da História da Educação foram História da Educação Brasileira, Educação e Trabalho, Psicologia da Educação, Currículo, Políticas Públicas da Educação, História, Identidade e Cidadania, Educação Infantil e até mesmo Educação e Gênero que trata do assunto mais profundamente.

Sempre me interessei por assuntos com ênfase em gênero. Por minha vida pessoal, por minha vida como mulher, aluna e mãe sempre achei necessário que os sexos feminino e masculino deveriam ser trabalhados de maneira que não houvesse um superior e inferior. E por essa visão de trabalhar as questões de gênero, educação e criança foi que escolhi a professora Dra. Iracilda Pimentel para ser minha orientadora na monografia.

Cursando Pedagogia, descobri que é na Educação Infantil que trabalhamos a identidade das crianças, o respeito com o diferente e assim desconstruindo em sua grande maioria o preconceito que existe desde o núcleo familiar.

Acredito que a vida por ser só uma, deve ser vivida da melhor maneira possível já que assim como não escolhemos o dia em que chegamos ao mundo, também não sabemos quando partiremos dele, então só nos resta aproveitar o intervalo entre as datas. Por acreditar que homens e mulheres são importantes para que a vida aconteça, defendo que ambos devem ser valorizados e que por isso não deve haver submissão de um ou de outro. Dessa forma decidi escrever meu trabalho final voltado para essa temática defendendo uma coeducação para todas as meninas, todos os meninos, todas as mulheres, todos os homens.

“Eduque às crianças e não será necessário castigar aos homens” – Pitágoras.

PARTE II – MONOGRAFIA

CAPÍTULO 1 – SENTA QUE LÁ VEM A HISTORINHA

2.1 – Educação Infantil

A história da creche, especificamente, e assim, da educação infantil no contexto mundial, está ligada às modificações do papel da mulher na sociedade e também da concepção social de criança. Kuhlmann Jr. (2011) nos diz que foi devido à inserção da mulher nas fábricas (contexto da Revolução Industrial) que se viu a necessidade de criação de um espaço onde os filhos das operárias pudessem ficar, como as salas de asilo – *salles d’asile* – e as creches. Tudo isso representava um avanço da chegada da modernidade, onde o empenho de ganhar a vida através do trabalho é um dos primeiros passos da civilização. Faria apud Reis (2011, p. 19) acrescenta dizendo que:

[...] nessas instituições infantis desenvolvia-se um trabalho de cunho assistencial-custodial, pois a preocupação era apenas com a alimentação, higiene e segurança física. Não se desenvolvia um trabalho educativo voltado para o desenvolvimento intelectual e afetivo da criança, pois não era considerado como um dever social, e sim, um favor ou caridade de certas pessoas ou grupos.

Outros fatos influenciaram para o surgimento e desenvolvimento da educação infantil no Brasil, como o “crescimento e a organização dos trabalhadores, a redução dos espaços urbanos destinados às brincadeiras infantis e a preocupação com a segurança”. Estes foram alguns dos elementos que motivaram a sociedade a defender instituições educativas para as crianças (MARIANO, 2009, p. 25).

A educação infantil por muito tempo foi vista como uma educação de menor importância, mas foi na década de 1970 com a promulgação da Lei nº 5.692, de 1971, o qual faz referência à educação infantil oficialmente, dirigindo-a como ser conveniente à educação em escolas maternais, jardins de infância e instituições equivalentes que sua história mudou de perspectiva. A educação infantil ao longo dos anos vem ganhando espaço na história da educação brasileira e sua existência e importância ganhando garantias na Constituição Federal.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade; (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 53, de 2006)

Além da Constituição, o direito à educação infantil vem assegurado em outras normas nacionais, principalmente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (Lei nº 9.394/1996), o Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA (Lei nº 8.069/1990) e o Plano Nacional de Educação - PNE (Lei nº 10.172/2001). Atualmente a LDB foi alterada por meio da Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013 onde o ensino se torna obrigatório entre os 4 e 17 anos. Sendo assim, os pais ficam responsáveis por colocar as crianças na educação infantil a partir dos 4 anos de idade nas escolas públicas brasileiras que deverão universalizar as vagas até 2016.

A LDB organiza a educação escolar em dois grandes níveis: educação básica e educação superior. A educação infantil, é a “primeira etapa da educação básica”, segundo os artigos 29 e 30 da LDB, sendo oferecida em creches para as crianças de zero a três anos e em pré-escolas para as crianças de quatro a seis. No entanto, o texto constitucional, reduziu o limite para cinco anos de idade, uma vez que o ensino fundamental passou agora a durar nove anos.

Art. 29. A educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

A educação infantil tem sido objeto de estudo e preocupação de muitos estudiosos. Zabalza (2007, p. 40) a considerar como “*etapa eminentemente educativa, portanto, destinada a tornar possíveis progressos pessoais que não seriam alcançados se a escola não existisse*”. Para este autor, todas as crianças se beneficiarão ao frequentarem a escola, pois é nesta fase que estas começarão a interagir com o meio físico e social e isso é muito importante ao desenvolvimento da inteligência.

É importante lembrar que todos os princípios constitucionais do ensino devem ser cumpridos também na educação infantil como: equidade no acesso e na permanência, liberdade de ensinar e aprender, pluralismo de ideias e concepções pedagógicas, gratuidade, valorização dos profissionais da educação, gestão democrática e garantia de padrão de qualidade (art.206, I a VII); além dos direitos previstos na legislação específica da infância: direito de ser respeitado pelos educadores, direito à creche ou pré-escola próxima da residência e direito dos pais ou responsáveis de “ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais” (Lei nº 8.069/1990, art.53, II, V e parágrafo único).

A educação infantil também vem sendo questionada em outros documentos que buscam assegurar uma intervenção de qualidade e a promoção da igualdade de conhecimentos a todas as crianças atendida por essa modalidade de ensino no território brasileiro como os Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil. Os PCNs (2006) indicam as capacidades a serem desenvolvidas pelas crianças, de ordem física, cognitiva, ética, estética, afetiva, de relação interpessoal, de inserção social e fornecem os campos de ação. Nesses campos é especificado o conhecimento de si e do outro, o brincar, o movimento, a oralidade e a escrita, a matemática, as artes visuais, a música e o conhecimento do mundo, ressaltando a construção da cidadania. A educação pode ser uma possibilidade de transformação do indivíduo e por isso é preciso à inserção da criança na sociedade sem ser deturpada, sendo assim, é papel do educador ser um mediador entre ela e o mundo. No entanto, nesse processo de aprendizagem, é preciso ter bem claro que a criança tem interesses e desejos próprios e que é um ser capaz de interferir no meio em que vive. Entender a função de brincar no processo educativo é conduzir a criança, ludicamente, para suas descobertas cognitivas, afetivas, de relação interpessoal, de inserção social e este desafio pode ser alcançado com a participação de todos envolvidos com a educação, ou seja, escola, alunos e famílias.

O contexto histórico, social e econômico em que as crianças e suas famílias se encontram devem ser envolvidas na inclusão da elaboração das propostas pedagógicas onde o ensino diário possibilite aprendizagens significativas, levando em conta as necessidades e particularidades dessas crianças.

Nessa busca pela qualidade, há artigos que apontam para três fatores de qualidade identificados em diferentes países e contextos: a formação dos professores, o currículo e a relação da escola com a família (CAMPOS, 1997). Desse modo, trabalhar com a qualidade do currículo escolar na Educação Infantil com crianças da faixa etária de 4 a 5

anos (1º período da EI), onde se acredita que o currículo sistematizado, combinado com educação e cuidado, geram o desenvolvimento educacional e o desenvolvimento social que são aspectos complementares no ambiente escolar.

As propostas de currículo para a educação infantil brasileira refletem o nível de articulação de três instâncias da sociedade brasileira: as das práticas sociais, as das políticas públicas e da sistematização acadêmica de conhecimentos pertinentes a este segmento educacional. Desse modo, assumindo contornos variados, traduzidos na heterogeneidade das propostas pedagógicas existentes representa uma grande riqueza na medida em que espelha as múltiplas facetas da sociedade brasileira.

O RCNEI é um material elaborado e publicado pelo MEC em 1998, este documento está organizado em 3 volumes: Introdução, Formação Social e Pessoal, Conhecimento de Mundo. Chamo atenção ao segundo volume, Formação Pessoal e Social, pois aborda as questões de Identidade e Autonomia das crianças em relação a temática de gênero quando aparecem:

Participação de meninos e meninas igualmente em brincadeiras de jogar futebol, casinha, pula corda (...)
Respeito as características pessoais relacionadas ao gênero, etnia, peso, estatura e etc. (RCNEI, 1998, Vol. II. p. 37)

Ressalto dessa maneira que diferentes aprendizagens somente ocorrerão por meio de sucessivas reorganizações do conhecimento, concretizadas pelas crianças quando vivenciam experiências que lhes forneçam conteúdos apresentados de forma pertinente as práticas sociais reais, bem como ao contexto a qual estão inseridas buscando a construção da identidade da criança e sua socialização.

Completo então, que é através da formação pessoal e social da criança que se constrói o sujeito e ensina este a saber lidar com o que ocorre no mundo à sua volta. Esse desenvolvimento na criança acontece quando há interação com os outros e com o meio, além da relação consigo mesmo. Entretanto as instituições devem oferecer condições favoráveis para que as crianças aprendam a conviver, a ser e a estar com os outros e consigo em uma atitude básica de aceitação, de respeito e de confiança. Essa aceitação pode ser trabalhada dentro do currículo da Educação Infantil, dentro da sala de aula e através dos temas transversais do currículo da EI aprimorando os princípios que referem-se à valorização às diferentes culturas, identidade e singularidades como a religião, etnia, cor e gênero.

O desenvolvimento da identidade e da autonomia estão intimamente relacionados com os processos de socialização. Nas interações sociais se dá a ampliação dos laços afetivos que as crianças podem estabelecer com as outras crianças e com os adultos, contribuindo para que o reconhecimento do outro e a constatação das diferenças entre as pessoas sejam valorizadas e aproveitadas para o enriquecimento de si próprias.

Isso pode ocorrer nas instituições de educação infantil que se constituem, por excelência, em espaços de socialização, pois propiciam o contato e o confronto com adultos e crianças de várias origens socioculturais, de diferentes religiões, etnias, costumes, hábitos e valores, fazendo dessa diversidade um campo privilegiado da experiência educativa. (RCNEI, 1998, Vol. II, p. 11)

2.2 – Educação Feminina

No Brasil, na década de 70, durante a ditadura militar, eis que explode o movimento feminista onde mulheres almejam direitos iguais entre os sexos masculino e feminino. Organizadas em grupos, elas buscavam obter libertação e o reconhecimento de uma sociedade machista e patriarcal através de suas mobilizações sociais nas principais capitais do país reivindicando políticas públicas que de fato as amparassem em seus direitos como mulher. Nesse mesmo período o país estava passando por um processo de redemocratização da sociedade e desse modo movimentos libertários ganharam vez e voz. As mulheres passaram a ganhar direitos e esta passou a fazer parte do mercado de trabalho.

Observa-se, a partir dos anos 90, um significativo crescimento do feminismo no Brasil. O movimento que nos anos 70 e 80 restringia-se a uma vanguarda de jovens mulheres intelectualizadas das camadas médias urbanas, abarca hoje mulheres de diferentes camadas sociais tanto no meio rural, como no urbano, assim como mulheres de diferentes gerações. (GROSSI, 1997, p. 285)

Segundo Grossi (1997) o auge do movimento feminista aconteceu entre as décadas de 80 e 90, quando o movimento passou a receber financiamentos, em sua maioria internacionais, para projetos de atuação com mulheres de camadas populares, como por exemplo, o SOS Mulher que tinha como objetivo acolher e ajudar mulheres vítimas de violência. As mulheres passam a ter políticas públicas voltadas especialmente para elas.

Com a evolução econômica do país a necessidade de mãos de obra no mercado de trabalho passou a ser disputada pela mulher que assim acumulou funções como

trabalhadora, mãe e dona de casa. Nesse contexto histórico pode ser observado que as mulheres brasileiras foram incluídas no mercado de trabalho, porém, suas responsabilidades como filhas, esposas e mães não foram esquecidas, pois além do trabalho fora de casa, muitas como professoras ou operárias de fábricas, deveriam obrigatoriamente cumprir com os seus deveres de mulher nas mais diversas circunstâncias. Portanto, além de procurar por sua autonomia a mulher deveria procurar não falhar com o homem, pois na sociedade ainda prevalecia o querer do sexo masculino.

Dessa forma, com homens e mulheres inclusos no mercado de trabalho a educação dos filhos passou a se tornar uma preocupação não somente das famílias, mas também do estado que necessitava de mão de obra.

Como pode ser percebido ao longo da história da humanidade não faltam exemplos demonstrativos de que a hierarquia de gênero em diferentes contextos sociais é em favor do masculino e assim tem se perpetuado afirmações de que as mulheres são mais sensíveis e que por isso são menos capazes para o comando. A ideia de "inferioridade" feminina ainda é socialmente construída por homens e mulheres ao longo da história reforçando a imagem de submissão feminina.

No entanto, o processo de expansão do ensino brasileiro que surgiu após o período de redemocratização do país e a Constituição Federal de 1988, no artigo 5º, reconhecendo que homens e mulheres são iguais em direitos e deveres fez com que a mulher pudesse ser enxergada pela sociedade como um ser de direitos e não apenas deveres. E tendo esta pois direitos, deverá tê-los respeitados como qualquer outro cidadão. A Constituição afirma no parágrafo XLI do mesmo artigo especificando que a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais. Embora havendo o reconhecimento jurídico, as reflexões sobre questões relacionadas a “gênero” (conceito que surgirá com os estudos feministas), na esfera do processo pedagógico, surgirão no cenário nacional a partir dos anos 90 e ganharão força mais especificamente no século XXI.

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes: (...) XLI - a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais; (Constituição Federal, 1988, p. 3)

2.3 – Educação e Gênero

Na educação infantil e nas séries iniciais questões relacionadas ao gênero e a etnia, possuem papel fundamental, pois é na infância que os sujeitos iniciam seus processos de formação identitária. No entanto, a escola é também resultante do seu meio, o que significa considerar: o contexto de época em seus reflexos, o nível de instrução dos profissionais que nela atuam, a tradição da qual é herdeira, o público atendido e atuante na mesma. Mediante este fato:

A escola, por seu caráter de instituição normativa, contribui de maneira sistemática para o desenvolvimento desses padrões de organização da conduta e das atividades, de forma praticamente permanente. (MORENO, 1999, p. 68)

A escola através de seus ensinamentos vincula atitudes de negação a determinadas identidades, como por exemplo a feminina que é considerada menos valiosa do que o masculino. Podemos perceber tal atitude mediante a propagação de estereótipos, pensamentos e atitude sexistas por meio da concepção androcêntrica, onde o homem como ser humano e “masculino” se encontra no centro dos acontecimentos e a mulher passa a ser considerada um elemento social de segunda categoria. Contudo, o problema é que, quando se afirma uma identidade, nega-se outra.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e excluir. (...) dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos” (...) A força homogeneizadora da identidade “normal” é diretamente proporcional à sua invisibilidade. SILVA (2003, p.83-84)

Desde cedo as crianças formam suas identidades e aprendem valores referentes a identidade de gênero, isso exige um olhar atento e uma escuta sensível por parte do professor e professora, para que não sejam reproduzidos nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga.

A atitude básica da educação é transmitir, por meio de ações e ensinamentos valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a

criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher.

Todavia, mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio em que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual. A observação e sensibilidade do professor são ingredientes fundamentais para identificar as diferentes situações e ter clareza quanto aos encaminhamentos a serem dados. (RCNEI, 1998, p. 42)

Tomando como base o RCNEI (1998, Vol. II, p.13) *“A fonte original da identidade está naquele círculo de pessoas com quem a criança interage no início da vida. Em geral a família é a primeira matriz de socialização”*. Portanto, o trabalho com a identidade representa mais um importante meio para a integração entre família e instituição. Desse modo desenvolver atitudes de respeito às particularidades de cada grupo familiar através do respeito e compreensão. Assim, a escola pode junto a família promover nas crianças a descoberta ou a ressignificação de sentimentos, valores, ideias, costumes e papéis sociais.

2.3.1 – O que é, o que é Androcentrismo?

Segundo Moreno (1999, p. 23), *“O Androcentrismo, um dos preconceitos mais graves e castradores que padece a humanidade”* encontra-se presente em diversos pensamentos como o científico, o filosófico, o religioso e o político durante a longa história da humanidade pregando uma suposta neutralidade. No entanto, para Auad (2011, p. 30) *“Adotar essa discursiva neutralidade pode parecer melhor do que diferenciar meninos e meninas”*. A falsa neutralidade acaba por influenciar a linguagem que vem carregado de termos masculinos, onde a identidade feminina se anula mediante os termos machocêntricos.

O Androcentrismo consiste em considerar o ser humano do sexo masculino como o centro do universo, como a medida de todas as coisas, como o único observador válido de tudo o que ocorre em nosso mundo, como o único capaz de ditar as leis, de impor a justiça, de governar o mundo. (MORENO, 1999, p. 23)

O Androcentrismo é um preconceito muito difundido por homens e mulheres que acreditam na existência de uma única visão, a visão androcêntrica de ver o mundo através

do olhar masculino. Estes sujeitos compartilham esse olhar devido a educação ao qual foram submetidos ou a qual não quiseram desviar-se. É comum ver e ouvir meninas serem generalizadas por termos masculinos, no entanto, as crianças da educação infantil que estão formando suas identidades e personalidades se vem mediante um conflito de informações.

Auad (2011, p. 30) revela que *“O uso do masculino genérico é comum, pois se refere até mesmo à regra gramatical, que recomenda que, para dirigir-se a um grupo misto, as palavras utilizadas devem ser de gênero masculino”*. É por essa razão que, se tivermos em uma sala em sua maioria meninas e apenas um menino, mediante a regra gramatical o uso da palavra “alunos” é correto. Mas será mesmo correto? Um único ser masculino tem mais valor que a maioria feminina? Cabe a escola pensar e repensar, pois desse modo percebe-se como o androcentrismo faz parte do cotidiano escolar, porém, sabemos que esta ideologia não está restrito a escola, podemos encontra-la além dos muros da instituição ao perceber que até mesmo as mulheres aprendem a expressar-se e a se identificar em termos masculino. Desse modo percebemos que a neutralidade enfim só corrobora para a perpetuação das desigualdades de gênero.

No cotidiano das crianças, dentro do ambiente familiar é comum o uso de termos onde a identidade feminina é negada. Seja por ignorância ou um ato falho. Aqui trago como exemplo um episódio vivido por mim e minha filha. Uma noite, assim como tantas outras, coloquei meus filhos Pedro de três anos e Paola de cinco anos para dormir. Após o ritual noturno como escovar dentes, vestir pijamas e beijinhos desejando bons sonhos, apaguei a luz e disse: boa noite meninos! Minha filha, rapidamente me consertou dizendo: mamãe você errou. Você tem que dizer boa noite menina! boa noite menino!

Naturalizamos as expressões masculinas de tal maneira que nem conseguimos distingui-las em nosso dia a dia. A educação é fundamental para trabalhar na desconstrução da visão androcêntrica. Englobar a família nesta tarefa é mais uma missão escolar que deve prever o pleno desenvolvimento da identidade dos pequenos cidadãos e pequenas cidadãs, sem preconceito de gênero ou qualquer outra forma de discriminação.

2.3.2 – O que é, o que é Gênero?

Ao falar sobre gênero, os pensamentos decorrem à uma vertente biológica buscando relacionar em princípio a diferenciação entre macho e fêmea. No entanto, estudar o conceito de gênero requer um olhar refinado para não se prender há

determinados processos que consolidam apenas diferenças de valores entre o masculino e o feminino e desse modo gerar desigualdades entre homens e mulheres.

O conceito de “gênero” se diferencia de “sexo” que está relacionado aos aspectos biológicos. Conforme Auad (2011, p. 20) “*Sexo e gênero não são a mesma “coisa”, embora estejam relacionados*”. Sendo assim, podemos dizer que “gênero” é considerado como uma categoria relacional, construída social e historicamente sobre características biológicas do ser humano. “*Para as ciências sociais e humanas o conceito de gênero se refere à **construção social do sexo anatômico***”.

Dessa forma a conceituação de gênero se caracteriza diferente da dimensão biológica, que trabalha no raciocínio de que há machos e fêmeas na espécie humana. Devemos levar em consideração que gênero está intrinsicamente ligado à dimensão social, portanto a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada, é ratificada, é imposta pela cultura a qual o sujeito vivência. De tal modo, gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não decorrência da anatomia de seus corpos. Segundo Beauvoir (1949) “*Não se nasce mulher, torna-se*”. Parafraseando Beauvoir, digo, não se nasce homem, torna-se. Reafirmo este pensamento citando Louro:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes). Elas são também, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. (LOURO, 2000, p. 7)

Destaco as observações de Louro (2004, p.22) sobre esse conceito referindo-se ao modo como às características sexuais são “*trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico.*” Isso significa dizer que a análise das desigualdades percebidas entre mulheres e homens não se originam nas diferenças biológicas, mas devem ser compreendidas, a partir dos modos de representação, e dos arranjos tanto históricos como sociais.

CAPÍTULO 2 – EU VOU, EU VOU PRA ESCOLA AGORA EU VOU

3.1 – Abordagem da Pesquisa

A metodologia usada nesta pesquisa do tipo descritiva, participativa é de abordagem qualitativa. Segundo Oliveira (2008, p. 37), a pesquisa qualitativa é *“um processo de reflexão e análise da realidade através de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico”*. Desse modo,

Pode ser caracterizada como sendo um estudo detalhado de um determinado fato, objeto, grupo de pessoas ou ator social e fenômenos da realidade. Esse procedimento visa buscar informações fidedignas para se explicar em profundidade o significado e as características de cada contexto em que se encontra o objeto de pesquisa. (OLIVEIRA, 2008, p. 60).

Os dados desta pesquisa monográfica foram construídos a partir da coleta de informações advindas pela técnica das observações participativas em sala de aula e das atividades realizadas durante a oficina que buscou dessa forma analisar o comportamento e as reações das crianças da modalidade de ensino da educação infantil sobre a concepção de gênero através dos brinquedos e brincadeiras realizadas na escola e analisar nesse contexto as atitudes e reações de todos os participantes utilizando a análise de documentos – registros de diários da pesquisa.

Na observação participante, o pesquisador (a) deve interagir com o contexto pesquisado, ou seja, deve estabelecer uma relação direta com grupos ou pessoas, acompanhando-os em situações informais ou formais e interrogando-os sobre os atos e seus significados por meio de um constante diálogo. (OLIVEIRA, 2008, p. 81)

3.2 – Local da Pesquisa

Assim como Auad (2011, p.25) ressaltou que *“Vale notar que essa escola sempre esteve no meu caminho, antes mesmo de surgir o desejo de tomá-la como campo de pesquisa”*. A escola que escolhi para este trabalho sempre esteve presente em meu percurso durante os meus muitos dias e noites indo ou vindo da universidade de Brasília. Localizada próxima a uma praça onde muitos caminhos, famílias, olhares e culturas se

cruzam, ela fez e faz parte do cotidiano dos moradores e dos passantes que por ali caminham. Entretanto, por muito tempo passei pela escola, mas nunca conseguia ver as crianças que ali estudavam e nem seu nome. Por isso passei a chama-la de “Escola da Praça”.

Sua aparente calma me enchia de curiosidade, pois me perguntava quem eram seus estudantes já que nunca encontrava seus portões abertos e nunca ouvi o barulho ensurdecedor comum em um ambiente escolar no horário do intervalo. Chegada a hora do estágio obrigatório do curso de Pedagogia, procurei então aquela escola que silenciosamente chamava minha atenção.

No decurso desse período frequentei a instituição por longos seis meses realizando observações em sala de aula e assim passei a conhecer sua história e seus atores sociais. A primeira coisa que procurei saber era quem eram os seus estudantes que até aquele momento eu não conhecia. Foi quando a direção da Escola da Praça me informou que seus alunos eram crianças das modalidades de ensino da Educação Infantil 4 e 5 anos, Ciclos I-II-III, Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano. Por se tratar de uma instituição pública que existe oficialmente desde o dia 6 de setembro de 1973, a escola hoje integra a rede oficial de ensino e está vinculada a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEDF. Inaugurada na região administrativa do Guará só entrou em funcionamento em julho de 1974 atendendo alunos do Ensino Fundamental. No decorrer dos anos muitas mudanças aconteceram, porém, a mais recente ocorreu em 2010 quando passou a se chamar Escola Classe do Guará e seu atendimento passou a incluir a Educação Infantil, Ensino Fundamental (até o 5º ano) e alunos de Classe Especial em sala de recursos, Turmas de TGD e assim se tornou o Centro de Referência de Alfabetização (CRA) nos turnos matutinos e vespertinos. (Projeto Político Pedagógico, 2010)

Segundo o PPP da Escola da Praça, sua missão como Escola Classe é oferecer uma educação de qualidade que seja eficaz e eficiente com vista à formação do indivíduo, promovendo um conhecimento crítico, criativo e solidário. E seu objetivo geral é ser uma instituição educacional referência que atenda de forma adequada o educando na construção do conhecimento buscando uma visão ampla da cidadania onde os valores como respeito, cooperação, responsabilidade e ética se tornem essenciais à formação integral do aluno.

O perfil dos pais, mães e/ou responsáveis dos pequenos estudantes, está na faixa salarial de 2 a 7 mínimos. A maioria possui formação escolar completo no Ensino

Fundamental e residem nas proximidades da escola, no entanto, a instituição também atende crianças da Estrutural, região administrativa vizinha ao Guará. (PPP, 2010).

As observações aconteceram na Escola da Praça três vezes por semana, cinco horas-relógio sempre acompanhada pela professora regente da turma do 1º período da Educação Infantil do turno matutino. De um modo sucinto, digo que as observações me proporcionaram condições de aprendizado e realização de um bom trabalho, mesmo sem realizar a regência em sala de aula, onde por vezes ficava apenas auxiliando a professora regente em suas atividades. As observações ocorreram dentro do esperado.

3.3 – A sala de aula

É uma sala grande e bem arejada, pois tem janelas tipo basculante que abrem para os corredores que separam as demais salas de aula da escola, desse modo há um excelente aproveitamento da luz natural, mas mesmo assim, ainda se faz necessário às luzes artificiais acesas. Mesa de professor com cadeira. Quatro grandes grupos de mesinhas quadradas, com oito cadeiras adequadas à altura das crianças, todas em excelente estado de conservação. A professora divide a turma em dois lados, um lado só de meninas e outro só de meninos.

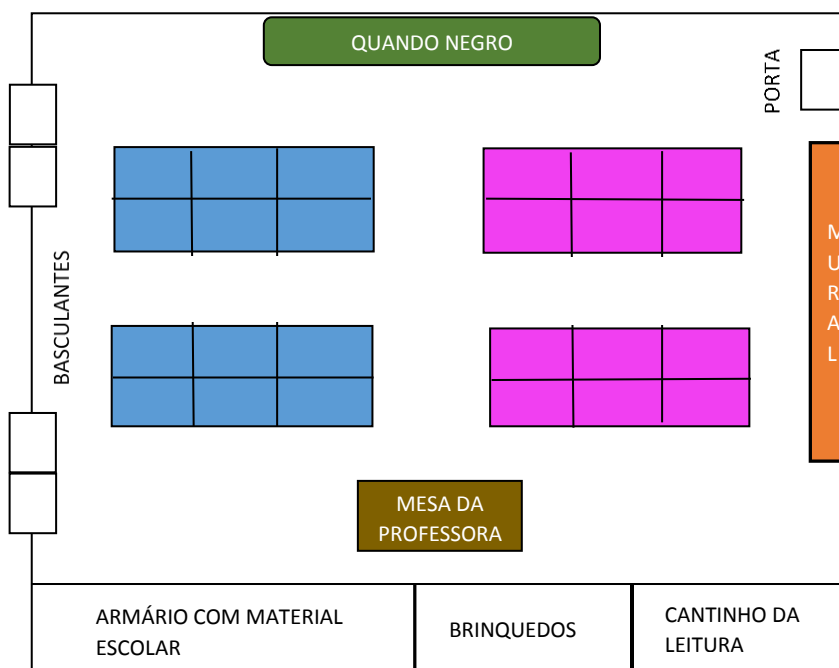


Figura 1 – Mapa da sala de aula

Dentro da sala de aula tem uma variedade grande de brinquedos, embora, a maioria não se encontre em total funcionamento (refiro-me aos musicais), portanto, longe do ideal. A professora também conta com uma mesa de apoio onde o material das crianças como agenda e pasta com atividades são colocadas sempre ao chegar em sala. No ambiente também há dois armários de aço para guardar o material que é usado na sala diariamente, o qual é dividido entre as professoras do turno matutino e vespertino e duas estante em aço onde acomoda os demais materiais pedagógicos. As paredes são decoradas com as letras do alfabeto em forma do animal correspondente, com palhacinhos pelas paredes, todos em pares, representando diferença de gênero e além disso, os trabalhinhos da semana ficam expostos para que os pais possam verificar o desenvolvimento das crianças. Há também na parede um quadro com o nome de chamadinha, onde estão os vinte e quatro nomes das alunas e alunos daquela sala separados por cores, rosa menina e azul menino. Enfim, uma sala bem agradável para o padrão de qualidade nas escolas públicas. A escola é considerada um dos principais elementos do ambiente social da criança, devido ao importante papel na formação infantil. Sendo assim, os elementos escolares como edificação e recursos humanos são espaços onde a criança interage e cuja apropriação desses espaços é facilitada pela familiaridade e semelhanças que surgem da abstração infantil. São estas relações que contribuem para o bom desenvolvimento e a formação do ser social, ou seja, o ambiente escolar pode mediar ou inibir demasiadamente os processos espontâneos das crianças, limitando o seu desenvolvimento nas esferas social e intelectual. Em minha perspectiva, o ambiente oferecido às crianças é muito apropriado e ajuda no seu desenvolvimento cognitivo. Porém, em todo momento dentro da sala de aula percebe-se como a professora trabalha repetidamente com a separação dos gêneros, seja no momento da fila para entrada ou para se deslocar a outro ambiente, seja na constituição da sala entre meninos e meninas, nas cores rosa e azul, nos materiais didáticos sempre separados entre masculino e feminino com exceção dos brinquedos que sempre se encontravam misturados.

3.4 – As alunas e os alunos

A turma observada na escola é formada de 12 meninas e 12 meninos com idade média de 5 anos totalizando uma classe de 24 estudantes. As crianças em sua maioria são moradoras da cidade Estrutural e chegam na escola às 7:20h trazidas no ônibus escolar

que a SEDF disponibiliza. As demais crianças são levadas à escola por seus pais e/ou responsáveis moradores da proximidade da escola. Quando adentram os portões da instituição todos são direcionados para um segundo pátio interno onde as alunas e alunos da EI se encontram com suas professoras. Vão se formando filas de meninas e meninos, todos cantam músicas infantis, fazem a oração do Pai Nosso e depois são direcionados às suas salas de aula para mais um dia de atividades escolares.

Chegando na sala de aula, as meninas entram primeiro e se acomodam nas mesinhas do lado esquerdo da sala e após se instalarem em seus lugares, os meninos são autorizados a entrar fazer o mesmo procedimento que as meninas, porém, do lado direito da sala de aula. Antes de iniciar as atividades, a professora convida as alunas e alunos para o espaço bem no centro da sala onde todos dão as mãos fazendo um círculo, sentam no chão e assim fazem a famosa rodinha para conversar. Ainda na rodinha é possível perceber a separação de sexos ao lado da professora. As crianças no decorrer da aula vão se aproximando umas das outras, as curiosidades que vão surgindo durante a interação fazem com que os grupos se aproximem e se intercalem, meninos passam a questionar as meninas, fazer perguntas sobre algum brinquedo que vem escondido na mochila ou uma novidade no lanche do colega, não importa o que seja, depois de um certo instante tudo passa a ser motivo de troca de informações entre colegas. Quando a conversa está começando a se confundir com a bagunça a professora se mostra atenta aos fatos e pede para todos se aquietarem em seus lugares.

3.5 – A Professora

A professora regente a qual acompanhei durante o período das observações trabalha com educação há dezenove anos, sempre atuante na Educação Infantil. Aos dezenove anos começou a trabalhar na rede particular onde atuou por oito anos ensinando crianças de 5 anos de idade e só depois foi efetivada na Secretaria de Educação do GDF. Sua formação inicial ocorreu ao ingressar no curso de Magistério na antiga Escola Normal de Brasília. Sua trajetória na SEDF começou aos vinte e sete anos de idade quando ingressou como professora efetiva da fundação e no qual continua atuante até os dias de hoje. Depois que entrou na SEDF a fundação lhe incentivou a cursar o nível superior em Pedagogia no Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) formando-se em 2005. No entanto, a professora diz não ter mais interesse em continuar estudando e nunca teve

vontade de fazer pós-graduação, pois encontra-se “cansada” da profissão e seu estado emocional não é mais o mesmo. Segundo a professora que já atuou em diversas escolas públicas no Distrito Federal, trabalhar como professora de crianças requer um “espírito forte”, pois todos os dias o profissional se envolve com os alunos e a necessidade do educando se torna a sua necessidade, a sua alegria é a alegria do professor e a sua tristeza também passa a ser compartilhada. Segundo a professora regente, *“trabalhar com educação é que nem tomar cachaça, você sempre quebra a cara, mas no dia seguinte tá de volta”*. O que perturba a profissional em sala de aula é não poder resolver os problemas de seus alunos, já que é impossível abraçar o mundo e por isso só lhe resta chorar.

A professora é carinhosa, gentil e muito atenta com as alunas e alunos e estes correspondem a sua atenção e carinho. Não altera o seu tom de voz em nenhum momento, suas crianças são participativas, questionadoras e a interação entre a mestra e os aprendizes ocorre de maneira harmoniosa. Durante todo o período de observação a professora demonstrou muita segurança em seu trabalho e muito interessada em repassar seus conhecimentos e experiências vivenciadas em sala de aula para que eu me sentisse a vontade durante as aulas que se seguiram. Em seus relatos a professora revelou que a turma deste ano é muito despreparada, pois chegaram em sala de aula sem se quer saber pegar em um lápis, a coordenação motora fina era nula, além do mais, as crianças não tinham familiaridade com a escola apesar de muitos, segundo os pais, mostrarem interesse pela instituição por causa dos irmãos mais velhos que já frequentavam o ambiente escolar, ao mesmo tempo, a maioria das crianças chegaram carregadas de preconceitos originados em casa. Um dos acontecimentos que presenciei durante as observações ocorreu no período do mês do trabalho, maio de 2013, enquanto a professora em sala de aula introduzia o assunto a respeito da importância do trabalho na vida de todos, perguntou aos pequenos qual a profissão das mães e dos pais. Um dos alunos respondeu à professora da seguinte forma:

Tia, só meu pai trabalha!
Minha mãe não trabalha. Ela fica em casa, cuidando da minha irmãzinha e da comida.
– G (5 anos).

A professora sabiamente entrevistou e começou a levantar questionamentos sobre o trabalho, buscando fazer com que as crianças refletissem sobre o trabalho formal e informal e falando também sobre a importância do trabalho em casa e sua divisão com todos os membros da família. Para Finco (2003) a escola é o ambiente promissor para o profissional de educação trabalhar as questões de gênero desconstruindo papéis sociais tidos como exclusividade dos sexos masculino e feminino pré-estabelecidos pela sociedade e transmitido culturalmente à várias gerações.

Na medida em que meninas e meninos transgridem o que é pré-determinado para cada sexo, mostram que a instituição de educação infantil pode apresentar mais uma característica positiva quanto às formas dessas relações: o ambiente da educação infantil pode ser um espaço propício para o não-sexismo. (FINCO 2003, p. 96)

No dia seguinte a professora pediu minha ajuda para apresentar à turma uma atividade em que juntas mostrávamos a importância do trabalho doméstico e desse modo a importância do trabalho das mães e mulheres trabalhadoras “do lar” além disso, trabalhar a ideia de que homens e mulheres podem juntos realizar atividades domésticas. Na brinquedoteca da escola providenciamos uma casa com todos os utensílios pertinentes a uma sala e cozinha e junto com os alunos e alunas indagávamos a respeito do lugar de cada um. Havia objetos de cozinha espalhados na sala e assim vice-versa. Fizemos com que cada criança refletisse sobre a importância do trabalho que as mulheres exercem dentro de casa e quanto devemos reconhecer seu esforço e dedicação à família. Porém, também mostramos o quanto cada um poderia ajudar nessa tarefa que não é prioridade feminina, mas sim de todos os integrantes de um lar. A professora encaminhou todas as crianças para a biblioteca onde assistiram ao filme “A Cinderela” de Walt Disney, pois a professora queria mostrar aos alunos o quanto a personagem do filme trabalhava dentro de casa e não tinha seu trabalho reconhecido. Enfatizamos em sala de aula a música da Cinderela que tratava sobre o trabalho:

“Cinderela, Cinderela, Cinderela/ainda mal começa o dia/logo vem a berraria/ Cinderela, Cinderela...Cinderela! Cinderela, Cinderela/noite e dia, Cinderela/faz a sopa, lava a louça/passa a roupa, pobre moça/lave a casa, espane os móveis/mas como mandam nela!/não para um só momento/mais parece um cata-vento/e ainda gritam.../mais depressa, Cinderela”. Música: A canção do trabalho.

No decorrer do ensino ainda na brinquedoteca, dois alunos em especial se negavam a participar das atividades proposta pela professora, pois não queriam fazer “coisas de mulher”. Para preservar suas identidades aqui os chamarei de “H” e “EM”, dois meninos de cinco anos. “H”, é um menino muito levado quando a professora não está por perto, mas muito obediente às vozes de comando na sala de aula. Desde o início do ano letivo, se mostrava avesso as “coisas de menina”. Não brincava com meninas, não aceitava pintar com o lápis cor de rosa ou mesmo brincar com a massinha de modelar rosa, pois para ele tudo que fosse de cor rosa era coisa de “mulherzinha”. O coleguinha “EM” também compartilhava a mesma ideologia e assim a professora se viu diante da possibilidade de trabalhar a temática de gênero nas crianças dentro da sala de aula. A professora se diz muito contente em ter alguém com quem partilhar essa “ádua tarefa”, pois para ela não é fácil trabalhar com a temática de gênero principalmente com as crianças que tem como exemplo maior a família. *“Não sei como é dentro de cada casa, não sei se o que vou dizer aqui realmente vai mudar as atitudes deles”* desabafa a professora.

Apesar de trabalhar há muitos anos com a educação de crianças a professora não acredita que pode haver um bom resultado, visto que a família é o fator primordial para que verdadeiramente haja um retorno para a sociedade e uma mudança no pensamento e atitudes das crianças no futuro. No entanto, a professora também relata que a maior dificuldade não está no papel da mulher dentro da sociedade e sim no papel do ser homem. Ser menino para ela é muito mais difícil, pois eles são postos a prova em todo momento, se não se adequarem aos modos de quem possui autoridade sobre eles, logo são taxados de “marica” ou “mulherzinha”. Segundo a professora *“eles sim, precisam ser ajudados a superar esse problema que aflige a todos os meninos”*.

Olha, te digo mesmo! Sou mãe, sou mulher e quando fiquei grávida pedi tanto a Deus que não me desse filhos homens porque é muito mais fácil criar as meninas. Elas são mais dóceis e sempre vão estar acostumadas em ficar dentro de casa e por isso sofrem menos, diferente dos meninos que são mais livres. – Professora Regente da EI.

Através da fala da professora, podemos perceber a naturalização do homem como um ser digno de maior liberdade que as mulheres e por isso sua criação requer mais

atenção dos pais, pois este merece todo respaldo para os enfrentamentos do mundo ao qual ele viverá. Também percebe-se como a subordinação da mulher é imposta por outras mulheres (mães) que acreditam que o melhor lugar para proteger as filhas é mantê-las “guardadas” no interior dos lares, onde ao longo da história lemos e ouvimos que o sexo feminino se “acostumou” a sua inferioridade dentro de quatro paredes.

Se a mulher os tolera, é porque ela mesma participa do pensamento androcêntrico e tem inconscientemente aceitado todas as suas ideias; e mais, em inúmeras ocasiões, é sua principal defensora e, na imensa maioria das vezes, sua mais fiel transmissora. (MORENO, 1999, p. 25)

No período em que ocorreram as observações a professora falou muito sobre sua vida profissional e relatou que chegou a ficar um ano afastada por problemas psicológicos, devido se envolver demasiadamente com problemas particulares de suas alunas e alunos. Relatou que certa vez, quando lecionava em uma escola da Estrutural se envolveu com a vida da família de uma de suas alunas de cinco anos. A família da aluna, era composta pela mãe, irmã (12 anos) e a própria criança. O pai da família estava preso por tráfico de drogas, a mãe trabalhava como diarista e a filha de doze anos estava grávida de sete meses quando o traficante da região invadiu a casa da família para acertos de conta com o pai que estava já estava encarcerado. Na troca de tiros a criança presenciou a mãe e a irmã serem assassinadas e ficou em estado de choque. A professora era a única pessoa que a criança confiava naquele momento e por isso a justiça autorizou a guarda provisória da menina por dois meses à ela, mas sua estrutura psicológica ficou abalada e por isso devolveu a guarda da criança ao conselho tutelar. Depressiva, teve que se afastar de suas atividades escolares por um ano e até hoje é aconselhada por psicólogos e medicada pelos psiquiatras da SEDF com o uso de remédios controlados, entretanto, afirmou que não toma os medicamentos, pois sente que a vida passa e seus problemas são apenas esquecidos no momento em que adormece. A professora busca alternativas na religião e nos remédios fitoterápicos e diz que se sente muito melhor, mas que realmente vai ficar bem o dia em que sair da profissão. Em meio as suas falas sobre sua vida como profissional da educação sempre deixa escapar uma lamúria *“Ah, se eu fosse dez anos mais jovem com certeza mudaria de profissão. Trabalharia com animal. É muito melhor do que trabalhar com gente.”*

A professora em todo momento mostrou-se disposta na coleta de dados, sempre emitia comentários e relatava suas experiências dentro de sala de aula, porém, em nenhum

momento se interessou em saber e/ou buscar obter conhecimentos a respeito da temática, pois em seu ponto de vista a sociedade tem sim suas falhas, mas nada pode-se fazer para mudar a cultura na qual vivemos, pois essa atitude demandaria muito trabalho e seus resultados seriam obtidos a longuíssimo prazo, segundo ela “*o jeito seria saber conviver com essas diferenças, errando aqui, acertando ali, dançando conforme a música*”. Para a professora, a responsabilidade da escola com o passar dos anos apenas vem aumentando e desse modo a família fica resguardada em se omitir do compromisso com a educação e os professores e professoras se tornam os responsáveis em esclarecer, ensinar, desmistificar os mais diversos temas como gênero, sexo, racismo e homossexualismo.

As mudanças chegam a todo momento e só a escola tem que saber responder por isso? Hoje, preciso adequar meu trabalho e meus pensamentos naquilo que dizem ser “normal”. Normal para mim é o que a minha religião fala. Deus fez o homem e a mulher, ponto! Cada um tem que assumir o seu papel, ponto! Como profissional posso dizer na sala de aula o que eles querem, mas é só da boca pra fora. Na minha casa as coisas são bem diferentes. Imagina na casa dessas crianças como deve ser. – Professora Regente da EI.

A professora coloca seus pensamentos e argumentos a respeito dos assuntos que envolvem educação, família, sociedade, sexualidade e religião e mostrou-se bastante indignada em ter que falar o que a escola acha que deve ser falado às crianças e não o que realmente ela acredita. Segundo a profissional da educação, as gerações de hoje não podem ser contrariadas, não podem ser frustradas ou caso contrário precisarão de outro tipo de ajuda (refere-se a ajuda psicológica).

Eu quando criança sofri com vários apelidos: quatro olhos, osga, baixinha, elefante. Claro que quando criança eu chorava, mas superei tudo. Hoje tudo é bullying. As frustrações fazem parte do nosso crescimento. – Professora Regente da EI.

Dentro da sala pequenos conflitos entre os meninos são constantes, empurram, brigam e as meninas conversam durante a aula e a professora chama a atenção avisando que vai mudar de lugar, fazendo com que meninos sentem junto as meninas e vice-versa,

as crianças com receio de que a mudança aconteça se acomodam, mas em raríssimos casos a professora muda à composição das mesas. Segundo a professora as conversas quase sempre funcionam muito bem nessa idade (4 e 5 anos), mas na maioria da escola, para evitar maiores conflitos trabalhar com projetos, além de ser uma proposta que proporciona um ambiente favorável ao saber, é uma proposta que também valoriza o aluno, pois os temas são debatidos entre professoras, professores, alunas e alunos e eles se sentem sujeitos da sua própria história quando lhes é dado a autonomia e o direito de escolha.

3.6 – Oficina: Coisa de menina. Coisa de menino.

Pensando na criança e na produção da cultura infantil, acredito ser a brincadeira uma excelente forma de expressão dos pequenos, pois é através das brincadeiras e brinquedos que a criança manifesta culturalmente suas concepções adquiridas em sua socialização. Desse modo escolhi a brincadeira e os brinquedos como meio de conhecer e observar as crianças da educação infantil. Nesta segunda parte da observação será descrita a realização da coleta de dados através das atividades da oficina: **Coisa de menina. Coisa de Menino**. Realizada em sala de aula no período de observação, apliquei atividades lúdicas, atividades de desenhos, pinturas, vídeos e historinhas infantis, me apropriei dos brinquedos da escola e realizei brincadeiras no parquinho sempre com o intuito de verificar as concepções sobre gênero que as crianças trazem consigo. Para a coleta de dados desta oficina realizei a técnica de observação participante.

A observação participante pode ocorrer de duas formas: observação natural quando observador é parte integrante do grupo (...) e observação artificial, quando o observador se integra ao grupo com o objetivo de fazer pesquisa. (OLIVEIRA 2008, p. 81).

Nesta oficina a realização das atividades ocorreram dentro das dependências da escola como brinquedoteca, sala de aula e pátio. As crianças realizaram atividades de colorir, ligar, circular, assistir desenhos e brincar. Ouviram contação de histórias dos livros infanto-juvenis “Faca sem ponta, galinha sem pé” de Ruth Rocha e “O Menino Nito” de Sônia Rosa por serem livros que retratam o universo cultural e o cotidiano de crianças que imersos na sociedade apenas reproduzem as atitudes à eles impostas sobre

as questões de gênero. As leituras trazem como proposta um pensamento reflexivo na quebra de estereótipos que por vezes são estabelecidos ainda dentro da família por desconhecimento do assunto ocorrendo a consolidação de valores que aparentemente emergem como naturais em nossa sociedade, tal como “homem não chora” ou “isso não é comportamento de menina”.

Durante cinco dias realizei a oficina com a temática de gênero na Escola da Praça junto as crianças da EI. Esta oficina foi realizada no período de 7 de outubro até dia 11 de outubro de 2013 no período de aulas, tendo uma duração de cinco horas aula-relógio. A oficina tinha como proposta verificar as concepções sobre gênero das próprias crianças trazidas de casa para a escola através dos brinquedos e brincadeiras, conversas, atividades e histórias. Saber o que realmente compreendiam a respeito do assunto ou se estavam apenas reproduzindo aquilo que no seio familiar era “verdade absoluta”. Por isso trago como categoria de análise nesta pesquisa os brinquedos e as brincadeiras dos quais participaram meninas e meninos durante a oficina. Pois segundo Auad (2011, p.50) *“podem traduzir como as relações de gênero entre as crianças são construídas e, ao mesmo tempo, como se fabricam meninas, meninos, homens e mulheres”*.

1ª Análise da Prática Pedagógica – A Brinquedoteca

Um grande espaço, com tapetes emborrachados coloridos, desenhos nas paredes, bem iluminado naturalmente, com banheiro adaptado se adequando às necessidades das crianças. Assim era a brinquedoteca, no entanto, o que mais lhes chamavam à atenção era a enorme variedade de brinquedos que ali as crianças encontravam em estantes, baús, cestos, caixas de papelão pendurados ou não nas paredes da “sala dos sonhos”. Uma felicidade invadia os pequenos corações quando com o auxílio da professora anunciei às alunas e aos alunos que naquele dia teríamos um momento só nosso na brinquedoteca. Olhos brilharam e sorrisos se alargaram nos pequenos rostos que não faziam a menor questão de esconder tamanha alegria. Antes de nos dirigirmos a sala de brinquedos, fizemos uma única fila onde intercalávamos uma menina e um menino e desse modo caminhamos até a brinquedoteca. Ao chegar na sala todos retiraram os calçados e os guardaram em um local apropriado para seus pertences. Em uma ação rápida os grupos se separaram. Meninas corriam em direção a bebês em forma de bonecas, bonecas em forma de princesas, fantasias de conto de fadas e assim até Branca de neve e Cinderela se fizeram presente na brincadeira. Os brinquedos em cor de rosa e muito brilho eram os

principais alvos das garotinhas. As meninas brincam com as bonecas de vários tamanhos e estilos, magras ou fora dos padrões “normais” de beleza, não importa todas são crianças e se deixam invadir pelo mundo de fantasias e faz de conta. A maioria das meninas gostam de brincar de “mamãe filhinha” como elas mesmas intitulam suas brincadeiras. Desse modo elas reproduzem todos os trejeitos das mães nas tarefas do lar. Conversam com as bonecas, dão banho, vestem suas pequenas roupas brilhosas, dão comidinha e levam suas filhas para passear. Algumas preferem brincar de fazer comidinha e não deixam ninguém do sexo oposto invadir seu “território”. As brincadeiras femininas também vão passando pelo mundo de magia e moda onde assim as meninas se divertem com a variedade de bolsas e acessórios em forma de brinquedos ligados à beleza como esmaltes, batons, pulseiras e afins. O grupo de meninos se direcionavam aos inúmeros carrinhos, carros e caminhões, trens, aviões ou bolas, mas também chamavam sua atenção bonecos de super heróis e fantasias de heróis em pequenos meninos. Eu e a professora regente nos mantemos afastada para observar as atitudes dos pequenos. De repente um menino fantasiado de Batman chamou minha atenção. Após vestir-se como seu personagem, este colocou uma boneca em um carrinho de bebê e saiu pela sala passeando com os brinquedos. Me aproximei do menino de cinco anos e gentilmente perguntei do que ele estava brincando.

Eu: Você está brincando do quê?

MT: Estou brincando de Batman!

Eu: O que o Batman está fazendo?

MT: Está levando o bebê para passear. Ele é pai tia!

Após sua resposta saiu correndo pela sala, pois tinha que levar sua criança para passear enquanto não se encerrava as atividades na brinquedoteca. A professora regente não escondeu o sorriso de satisfação e disse: “*eu te falei, aqui eles brincam de tudo sem preconceito. Menina brinca com coisas de menino e menino também brinca com coisas de menina*”. Alguns minutos de brincadeira meninos e meninas começavam a misturar os brinquedos. Batman, já não era o único que brincava de boneca, agora ele tinha a companhia de mais alguns amiguinhos que inclusive passaram a brincar de “fazer comidinha”. As meninas também se mostravam interessadas em participar das brincadeiras dos meninos e se divertiam com os minúsculos carros que aceleravam em

pequenas pistas de corrida. No entanto, ainda haviam meninas e meninos que não misturavam brinquedos.

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. (...) Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais. (RCNEI, 1998, Vol. II. p. 22)

A manhã na brinquedoteca foi muito produtiva, nela observei bem de perto como as crianças manifestavam suas concepções a respeito da temática sobre gênero através dos brinquedos e suas brincadeiras reproduzindo os papéis sociais que reconhecem no núcleo familiar. Meninas e meninos repetindo gestos propagados por pais e mães, por homens e mulheres. No entanto, a brincadeira do faz de conta também reina no imaginário infantil e assim até os super-heróis não fogem as suas responsabilidades como ator social. Aqui podemos perceber que as crianças interagem umas com as outras usando suas capacidades para a socialização, excelente oportunidade para se trabalhar o desenvolvimento da identidade e desconstruir papéis sociais com olhares distorcidos.

No faz-de-conta, as crianças aprendem a agir em função da imagem de uma pessoa, de uma personagem, de um objeto e de situações que não estão imediatamente presentes e perceptíveis para elas no momento e que evocam emoções, sentimentos e significados vivenciados em outras circunstâncias. Brincar funciona como um cenário no qual as crianças tornam-se capazes não só de imitar a vida como também de transformá-la. Os heróis, por exemplo, lutam contra seus inimigos, mas também podem ter filhos, cozinhar e ir ao circo. (RCNEI, 1998, Vol. II. p. 22)

As crianças através das brincadeiras revelam sentimentos, pensamentos e percepções que em sua grande maioria aprendem dentro de casa, junto a família, seus primeiro núcleo socializador.

Em sala de aula conversamos a respeito das brincadeiras que ocorreram na brinquedoteca e todos se manifestaram dizendo que gostariam de voltar mais vezes para poder brincar. Durante nossa conversa indaguei-os a respeito dos brinquedos que meninas e meninos gostam de brincar, a resposta foi a seguinte:

Quadro 1. Brincadeira de meninas e meninos

MENINAS	MENINOS
Boneca	Bola/Futebol
Casinha	Carrinho/Caminhão
“Mamãe-filhinha”	Pipa
Carrinho de bebê	Dinossauro
Lavar louça/roupa	Brincar de “bater”
Fogão com panelinhas	Correr na rua
Fazer café	Avião

Na fala das crianças é possível perceber que as brincadeiras de meninos e meninas, demonstram o fato "natural" de que garotas e garotos possuem papéis e comportamentos pré-determinados. Aos meninos cabe o movimento, a liberdade, a correria. As meninas cabe a passividade, as atividades e os utensílios que compõem uma casa.

De todas as possíveis formas de atuação, cada sociedade elege algumas que constituem seu modelo e que vão se formando e transmitindo ao longo de sua história, ficando rigidamente estabelecidos como normas ou modelos de conduta. Estes padrões ou modelos não são os mesmos para todos os indivíduos; existem uns para o sexo feminino e outros para o sexo masculino, claramente diferenciados. (MORENO, 1999, p. 29)

As meninas estão relacionadas aos brinquedos e brincadeiras voltadas para o espaço interno do lar e assim desde a mais tenra idade as crianças do sexo feminino se preparam para assumir responsabilidades ditas como “obrigação da mulher”. As crianças do sexo masculino, possuem mais liberdade e movimento em suas brincadeiras. Os meninos fantasiam diversas aventuras ao lado de seu super herói favorito, vencendo batalhas, acumulando prêmios, fugindo dos ferozes dinossauros que povoam suas imaginações.

As meninas tem liberdade para ser cozinheiras, cabelereiras, fadas madrinhas, mães que limpam seus filhos, enfermeiras, etc., e os meninos são livres para ser índios, ladrões de gado, bandidos, policiais, “super-homens”, tigres ferozes ou qualquer outro elemento da fauna agressiva. (MORENO, 1999, p. 32)

Após a conversa com a turma distribuí uma atividade onde cada criança deveria ligar ao desenho de uma menina e um menino a várias figuras que representavam brincadeiras e brinquedos, relacionando desta maneira os objetos ao gênero. O objetivo deste trabalho era verificar com que brinquedos meninas e meninos podiam brincar

segundo suas percepções. Para a análise eu subdividi a sala entre os grupos de meninas e meninos para melhor compreensão dos resultados em dois quadros de respostas (ver quadro 2 e 3).

Em cada quadro estou especificando as respostas das doze meninas (quadro 2) e dos doze meninos (quadro 3) que fizeram parte desta pesquisa. No início dos quadros há uma linha de desenhos indicando tipos de brinquedos e brincadeiras que fazem parte do cotidiano das crianças. Na segunda linha represento os gêneros masculino e feminino respectivamente através dos símbolo ♂ e ♀. Mediante as letras S = sim e N = não trago as resposta obtida através dos desenhos que foram distribuídos em sala de aula, onde as crianças indicaram quais brinquedos e brincadeiras meninas e meninos podem brincar partindo de suas percepções de gênero.

Quadro 2. Meninas e meninos podem brincar:

Brinquedo/brincadeira													
Gênero		♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
RESPOSTAS DAS MENINAS	1	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S
	2	S	N	N	S	S	S	N	S	S	S	S	S
	3	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S
	4	S	N	N	S	S	S	N	S	S	N	N	S
	5	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S
	6	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	7	S	S	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	8	S	N	S	S	S	S	S	S	S	N	N	S
	9	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	10	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	11	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	12	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S
	Total S	100 %	42%	42%	100 %	100 %	67 %	50%	100 %	100 %	50%	50 %	100 %
	Total N	0	58%	58%	0	0	33 %	50%	0	0	50%	50 %	0

Analisando as respostas das meninas pude perceber que os brinquedos e brincadeiras como carrinho, bola de futebol e dinossauro são brinquedos 100% masculinos segundo as percepções femininas. Porém, estes mesmos brinquedos obtiveram percentuais bem diferentes em relação as escolhas das meninas como pode ser

observado no quadro acima. A aceitação por parte das garotas ficou da seguinte maneira carrinho (42%), dinossauro (50%) sendo a bola de futebol (67%) o brinquedo com maior aceitação. Ainda nas percepções femininas, os brinquedos como carrinho de boneca, a brincadeira mamãe-filhinha (o) e panelinha foram unânimes nas escolhas das meninas alcançando o percentual de 100% ratificando assim estes objetos como brinquedos femininos. No entanto, estes mesmos brinquedos obtiveram percentuais diferenciados ao se tratar dos meninos. Para elas apenas 42% acreditam que meninos possam brincar com o carrinho de boneca. Em relação a brincadeira mamãe-filhinha (o) e panelinha as opiniões se dividem igualmente, pois 50% das meninas acreditam que os garotos podem sim brincar com estes objetos.

Quadro 3. Meninas e meninos podem brincar:

Brinquedo/brincadeira													
Gênero		♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀	♂	♀
RESPOSTAS DOS MENINOS	13	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	14	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	S	S
	15	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S
	16	S	N	N	S	S	S	N	S	S	N	S	S
	17	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	S	S
	18	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S
	19	S	S	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S
	20	S	S	S	S	S	S	N	S	S	N	N	S
	21	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	22	S	N	N	S	S	S	N	S	S	N	N	S
	23	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S
	24	S	N	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S
	Total S	100 %	42%	33%	100 %	100 %	58 %	33%	100 %	100 %	25%	58 %	100 %
	Total N	0	58%	67%	0	0	42 %	67%	0	0	75%	42 %	0

Analisando as respostas dos meninos pude verificar através da atividade que os brinquedos/brincadeiras como carrinho, bola de futebol e dinossauro são brinquedos unânimes com 100% de suas escolhas, assim como nas escolhas das meninas que compartilham o mesmo pensamento. Porém, em suas percepções sobre gênero, os meninos acreditam que suas colegas também possam brincar com estes objetos, mas em

um percentual menor, como por exemplo, o carrinho com 42%, a bola de futebol com 58%, sendo o brinquedo dinossauro o que obteve a menor porcentagem de aceitação, com apenas 25% dos meninos acreditando que as meninas possam brincar com este objeto. Em relação as brincadeiras com carrinho de boneca, mamãe-filhinha e panelinha, os meninos também são unânimes em apontar que estes brinquedos são para o sexo feminino como pode ser visto no quadro, estes brinquedos e brincadeiras obtiveram 100% de aceitação. Em relação aos meninos estas mesmas brincadeiras e brinquedos possuem percentuais diferentes, por exemplo, apenas 33% dos garotos acham que podem brincar com o carrinho de boneca e a brincadeira mamãe-filhinha (o) respectivamente. No entanto, o percentual em relação ao brinquedo da panelinha tem uma aceitação de mais da metade dos meninos, ficando este objeto com 58% da preferência masculina.

Através das análises dos quadros 2 e 3, percebe-se nos resultados que a maioria das crianças separou os brinquedos e as brincadeiras conforme o sexo. Desse modo, pude inferir que meninos brincam com “coisas de menino” e meninas brincam com “coisas de menina”. No entanto, há crianças que não separam os brinquedos por gênero e desse modo meninas e meninos podem brincar com todos os tipos de brinquedos e brincadeiras.

Através desta atividade percebi nas crianças suas percepções de gênero mediante os brinquedos, pois elas acreditam que há uma diferenciação entre as brincadeiras que são típicas de meninas e meninos. Estes dados mostram como as crianças se percebem através dos brinquedos e brincadeiras e revelam estereótipos sobre os gêneros desde a primeira infância. A escola deve trabalhar com a quebra deste paradigma em sala de aula introduzindo brincadeiras/brinquedos de todos os modelos para todos os sexos onde passarão a ser de todos e todas e não mais só de meninos ou só de meninas modificando padrões impostos pela sociedade dominante.

Os padrões e os modelos de conduta não podem ser modificados com a simples imposição de uma disposição ou de um decreto-lei. É necessária uma mudança mais profunda na mentalidade dos indivíduos, e o lugar privilegiado para introduzi-la é exatamente a escola. Para que isso seja possível, é necessário tomar consciência dos mecanismos inconscientes de transmissão do modelo que queremos modificar. (MORENO, 1999, p. 30)

2ª Análise da Prática Pedagógica – Atividade Menino brinca de boneca?

Nesta atividade as crianças assistiram em sala de aula um episódio da Turma da Mônica com o título: Brincando de Boneca. O personagem de Cascão com medo da chuva que está se formando resolve se esconder na casa de sua amiga Magali que cansada de assistir “programa de menino” na TV decidiu brincar com suas bonecas Dona Filomena e Dona Candinha. Cascão no primeiro momento não aceita a brincadeira, pois diz se tratar de “brincadeira de menina”. Magali e Cascão não concordam com o jeito que cada um tem de brincar com as bonecas, Magali quer brincar de compras no supermercado e Cascão quer que a brincadeira recheada de lutas e suspense, assim não havendo um acordo mútuo entre eles. Depois que a brincadeira acaba Magali percebe como sua aventura pelo mundo do faz de conta das bonecas pode ficar mais dinâmica com as ideias que vieram de seu amigo Cascão.

Ao terminar o filme eu e as crianças conversamos a respeito do assunto. Perguntei à turma se meninos brincavam de boneca e a resposta veio em um uníssono NÃO! Algumas vozes se levantaram para defender o sim, que sim, meninos também podiam brincar de bonecas. *Minha mãe diz que devo brincar com minha irmãzinha que gosta de casinha e boneca. Também a gente brinca de bola em casa*”. Aluno JP – 5 anos.

Após o depoimento deste aluno outros e outras se manifestaram a favor de que meninos também poderiam brincar de boneca. Das 24 crianças que estavam na sala de aula naquele dia, apenas oito crianças foram contra a resposta da maioria. Eram eles, quatro meninos e quatro meninas.

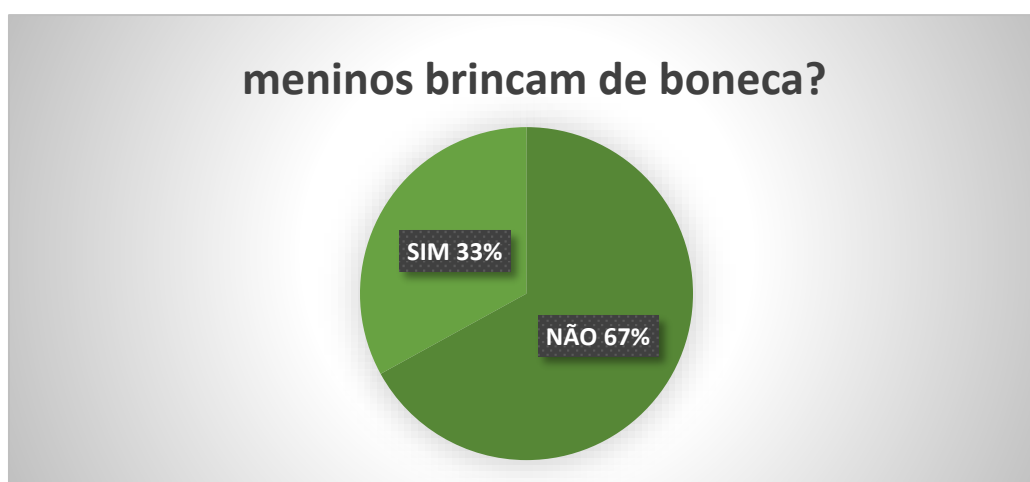


Figura 2 – Meninos brincam de boneca?

Após o filme e a conversa com as crianças todos foram para o intervalo brincar no parquinho, mas neste dia a brincadeira foi diferente, pois a proposta era que todos brincassem nas casinhas que fazem parte do *playground* da escola. Durante a brincadeira usamos brinquedos que imitassem a realidade das atividades do lar como fogão, panelinhas, ferro de passar roupa, vassoura, geladeira, máquina de lavar roupas, pratos, colheres e bonecas e bonecos que precisavam ser banhados e alimentados, assim meninos e meninas se divertiram ao perceber que a brincadeira do faz de conta “mamãe-filhinha” também poderia ser descrito como “papai-filhinho”. No final da brincadeira muitas crianças relataram o quanto gostaram da atividade e que gostariam que na realidade seus pais pudessem cuidar mais deles assim como as mães sempre cuidam. *“Tia, queria que meu pai gostasse de mim, assim ele ia sempre me cuidar, banhar e dá comida. Mas tudo é a mamãe que faz e aí ela diz tá cansada”*. PP – 5 anos.

3ª Análise da Prática Pedagógica – Faca sem ponta, galinha sem pé

Esta atividade teve como foco principal uma contação de história no qual foi usado o livro infanto-juvenil da autora Ruth Rocha *Faca sem ponta, galinha sem pé* para falar sobre questões de gênero. A história de um casal de irmãos chamados Pedro e Joana que na eterna batalha dos sexos brigam cotidianamente por questões de gênero, os dois irmãos vivem em conflitos por causa de brincadeiras, brinquedos e atitudes que não condizem com o pensamento da maioria da sociedade e por isso se defendem, se policiam ou se agredem com o uso das expressões “menina não pode isso”, “menino não pode aquilo”, “isso não é comportamento de uma menina”, “menino não chora”. Pedro e Joana seguem suas vidas até que um dia voltando da escola os dois irmãos passam por um arco-íris que mudará as suas histórias e suas concepções sobre o que pode e o que não pode ser feito por meninos e meninas. A leitura deste livro tem por objetivo ajudar as crianças no entendimento de que não existe uma brincadeira ou ação que pertença somente a um dos sexos, mas que ambos podem usufruir de suas vontades.

As crianças em sala de aula ficaram atentas a história contada e a cada momento participavam querendo prever a situação seguinte ou opinando a respeito das questões levantadas na leitura. Durante a contação, pude perceber o quanto eles se identificavam com os personagens e o quanto cada um se importava em responder as questões sobre gênero que surgiam no decorrer da história. As crianças defenderam que meninos e meninas deveriam brincar de tudo juntos sem ter separações, mas que às vezes o pai e a

mãe acabam se tornando os grandes responsáveis pelo impedimento para que haja um maior envolvimento das crianças com brinquedos e brincadeiras ditas do sexo oposto. *“Tia, tia, minha mãe não gosta que eu brinque de menino, ela diz que eu sou menina e não menino, mas eu gosto de brincar de futebol com meus primos”*. R – 4 anos.

Outra criança, do sexo masculino também se manifestou: *“A minha mãe deixa eu brincar com a minhas irmãs, mas papai não gosta, ele me bate, diz que se eu brincar vou ser mulherzinha também”*. G – 5 anos. Durante esse momento de reflexão sobre a história contada outras crianças também se manifestaram relatando suas experiências positivas. *“Tia, a minha mãe deixa eu e meus irmãos brincar de boneca, de carrinho e de futebol. Ela diz que não tem problema! Meu pai também deixa”*. A – 5 anos. Aqui ressalto que as crianças que concordaram em brincar com brinquedos e/ou brincadeiras de meninos e meninas são as mesmas oito crianças que no primeiro momento também se manifestaram dizendo que meninos podem brincar de boneca. Neste dia após a atividade em sala de aula combinamos que a brincadeira do dia seria uma partida de futebol onde haveria dois times formados por meninas e meninos. Sem nenhuma resistência todos aderiram a brincadeira chamando a atenção de outras crianças da educação infantil e também das professoras que aprovaram a iniciativa de descaracterizar o futebol como uma brincadeira masculina.

É importante possibilitar diferentes movimentos que aparecem em atividades como lutar, dançar, subir e descer árvores ou obstáculos, jogar bola, rolar bambolê etc. Essas experiências devem ser oferecidas sempre com o cuidado de evitar enquadrar as crianças em modelos de comportamento estereotipados, associados ao gênero masculino e feminino, como, por exemplo, não deixar que as meninas joguem futebol ou que os meninos rodem bambolê etc. (RCNEI, 1998, Vol. III, p. 37)

O documento RCNEI sugere as professoras e professores que trabalhem junto às crianças da educação infantil os valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e assim não contribuir para que ocorra estereótipos de atitudes que são tomadas como padrão da sociedade diferenciando o que é costume de homem e mulher, de menina e menino. Nesta modalidade de ensino, a brincadeira é fundamental para estimular a interação entre as crianças, o raciocínio das atitudes e o respeito ao próximo. Segundo o documento RCNEI III (1998) *“Os momentos de jogo e de brincadeira devem se constituir em atividades permanentes nas quais as crianças poderão estar em contato também com temas relacionados ao mundo social e natural”*. Ratifico que a brincadeira quando compartilhada por todos os meninos e meninas desde a mais tenra idade a escola passa a

trabalhar na equalização de gêneros de forma prazerosa. No final desta atividade as crianças demonstraram muita satisfação com a atividade. As meninas ficaram entusiasmadas com a novidade e os meninos elogiaram a performance das colegas com frase como: *“Nossa, tia, as meninas sabe jogar futebol! Legal!”*. Ao final da oficina, para acalmar os ânimos da partida, ofereci às crianças uma sacola onde havia colocado duas cores de massa de modelar, rosa e azul. A brincadeira consistia em demonstrar que não bastava querer uma cor, que deveria aceitar o que lhe foi oferecido e assim cada um ficaria com a massinha para brincar como melhor aprouvesse. Meninos e meninas passaram a gostar da atividade de esconde-esconde de massinhas e já não havia problemas se um menino escolhesse a cor rosa ou uma menina tirasse a cor azul. Agora tudo era motivo de alegria.

4ª Análise da Prática Pedagógica – Brinquedo de menina. Brinquedo de menino.

Nesta atividade tive a intenção de verificar se o que a turma falava era o que realmente eles pensavam e por isso na primeira parte da oficina as crianças brincaram com todos os brinquedos disponíveis na sala de aula, eram brinquedos diversificados e cada menina e menino corriam em direção ao brinquedo de sua preferência. As meninas brigavam por brinquedos que imitavam os utensílios domésticos como fogão, máquina de lavar, jogo de jantar, um enorme bolo fatiado (de montar), liquidificador e ferro de passar roupa entre outros (boneca, bolsa, castelo, princesas). Todos os meninos corriam em direção dos grandes bonecos super heróis como Homem Aranha, Max Steel, Bem 10, Super Homem, Batman, dinossauro, lobo, avião, caminhão, trator, moto, nave espacial todos os brinquedos de diversos tamanhos e modelos. As crianças ficaram brincando por vinte minutos. Ao término desta primeira fase da atividade, em dois cestos grandes pedi aos alunos e alunas que separassem os brinquedos por gênero, assim um cesto ficou cheio de brinquedos femininos e outro com brinquedos masculinos. No segundo momento da aula, após o recreio, separei a turma em dois grupos, meninas e meninos cada um em um canto da sala. Dei o seguinte comando, cada grupo só poderia brincar com os brinquedos que lhes fosse designado e ninguém podia invadir o outro grupo e todos aceitaram as regras da brincadeira. No meio do grupo das meninas a professora regente colocou todos os brinquedos de meninos. Simultaneamente no grupo dos meninos eu coloquei todos os brinquedos de meninas. As reações foram as mais diversas possíveis. O grupo de meninas

ao receber os brinquedos avançaram sem questionar de quem eram os brinquedos, elas queriam brincar e nada mais. Desprovidas de preconceito brincaram de avião, super heróis, dragões e dinossauros sem se importar com o outro grupo. A reação dos meninos foi diferente.

As crianças do sexo masculino ficaram perplexos ao ver os brinquedos com os quais deveriam brincar e com os olhos arregalados se afastaram como se os brinquedos das meninas tivessem o poder de repeli-los para bem longe. Alguns garotos ao ver que as meninas estavam com seus brinquedos favoritos correram em direção ao grupo das meninas na tentativa frustrada de resgatar seus super heróis, mas a regra do jogo era clara, ninguém poderia invadir o outro grupo. A frustração era visível aos olhos dos meninos. Três meninos resolveram apenas olhar o que os colegas fariam com os brinquedos, alguns abandonaram a brincadeira preferindo ficar sentados na mesinha ou encostados na parede esperando aquele momento terminar. Houve também o grupo de meninos que agiram com naturalidade e brincaram de maneira que não se importavam com as questões de gênero. Esse grupo de aproximadamente sete meninos se divertiram brincando de “papai filhinho”, davam banho nas bonecas, enquanto, outros pais faziam outras atividades como passar as roupinhas do bebê, fazer a comida em diversas panelas ou se preocupavam em montar e desmontar castelos, colocavam seus bebês em carrinhos e passeavam pela sala com suas filhas. Me aproximei dos meninos que se negavam a brincar e perguntei o motivo pelo qual não estavam interagindo com os outros colegas. Aqui relato a conversa que tive com um dos meninos que aqui chamarei de “H”.

Eu: Oi H. Você não vai brincar por quê?

H: Isso é coisa de menina! (risos) Eu não vou brincar de boneca! (risos)

Eu: Que tal você brincar de fazer uma comida que goste?

H: Eu não, quem cozinha é sempre a minha mãe. Isso também é coisa de mulher! (risos)

Enquanto conversávamos “H”, mesmo sorrindo muito se mostrava indignado e chamava os colegas pelos nomes dizendo *Ei fulano, isso é coisa de menina!* A maioria dos colegas não se importava com os comentários e continuavam brincando. Eu continuei a conversa com “H”.

Eu: Coisa de menina? O que é coisa de menina?

H: (risos) é coisa de menina tia! É lavar roupa, arrumar casa, dá comida pro filho, é brincar de rosinha, fazer café, é fazer essas coisas que homem não faz se não vira mulherzinha. Menino tem que fazer coisa de menino.

Eu: O que é coisa de menino?

H: (muitos risos) é brincar de Power Ranger! É brincar com coisa de menino.

Eu: Ah, seu eu brincar de Power Ranger e com coisas de menino eu vou virar um menino?

H: (muita risada) não tia, você não vai virar menino. Você é mulher!

Eu: E como eu faço para virar um menino?

H: (pensativo) você tem que nascer da barriga da sua mãe um menino.

Eu: Então você vai virar menina se brincar com os brinquedos dela?

H: Não! Não vou virar menina. Vou sempre ser menino porque eu nasci da barriga da minha mãe menino. (risos)

Alguns minutos após a breve conversa com “H” a professora regente me falou quem era o meu entrevistado. Um menino que tem três irmãos mais velhos e uma irmã recém-nascida. Filho de pais chacareiros e analfabetos, mas que sempre procuram a escola para receber orientações de como ajudar os três filhos que estudam na mesma instituição. Porém, sempre reclamam que a professora passa muita atividade e que por isso pedem para ela não enviar muito trabalho porque eles não sabem ler e não sabem como fazer a atividade dos filhos. A direção da escola oferece uma ajuda a essas crianças em horário oposto de aula para que assim as crianças não fiquem prejudicadas no desenvolvimento escolar. Segundo a professora, “H” desde o começo do ano letivo se mostrava bastante inacessível a qualquer relação assunto que envolvesse meninas. Sempre dizia em sala de aula que não queria ficar perto das meninas, se negava a pintar com lápis de cor rosa ou se quer usar o apontador de cor rosa. A professora defende a ideia de que talvez a chegada da irmã recentemente tenha deixado “H” mais sensível e que por isso ele se negava a fazer qualquer atividade relacionada com meninas e a cor rosa. Mas que ele a cada dia vem melhorando o seu comportamento, pois mesmo antes de eu chegar para o estágio a professora já vinha trabalhando em sala de aula as questões de gênero de forma informal, pois sentia necessidade de esclarecer principalmente os meninos de que o comportamento carregado de aversões não era o caminho certo a ser percorrido.

Depois de alguns minutos pensativo, “H” começou a se envolver na brincadeira dos colegas e sutilmente se aproximava dos brinquedos de meninas, começou a se

interessar em montar o castelo de princesas e depois já estava familiarizado com outras brincadeiras e desse modo “H” e os demais meninos que no começo se negavam a participar da brincadeira passaram a se divertir com toda turma. Passado o tempo meninos e meninas esqueceram as regras e passaram a brincar com brinquedos que lhes chamavam a atenção quer fossem eles ou não de gêneros diferentes. No entanto, as meninas demonstraram muito interesse em dividir brinquedos/brincadeiras com os meninos e quase todas queriam mesmo brincar de avião, motos e carrinhos com seus colegas que em negociação passaram a dividir os brinquedos.

5ª Análise da Prática Pedagógica – Menino pode chorar?

O objetivo desta atividade é mostrar às crianças que mesmo os sexos sendo diferentes, todos somos iguais. Em uma folha de papel pardo eu e a professora regente desenhamos apenas o contorno de duas crianças, um do sexo masculino e outra do sexo feminino. Depois de desenhar preguei as figuras na parede e juntos refletimos sobre o que meninos e meninas tem em seus corpos como olhos, boca, nariz... e os sentimentos que cada um guarda dentro de si como alegria e tristeza, sorrisos e choros. Nesse sentido eu aproveitei a oportunidade e pergunto à turma:

E: Menino chora?

Todos: Não! (sacodem a cabeça com veemência)

JG: Só mulher chora tia! (maioria concorda com a cabeça, outros se calam)

Todos: É!...verdade!

H: Eu não choro porque eu sou macho!

E: As meninas chora tia. Eu choro quando a minha mãe me briga.

JP: É tia, as menina chora muito.

A: Mas os menino também chora!

M: Menino quando chora é fracote!

H: Eu só choro quando a minha mãe me bate. (risadas da turma)

A turma dos meninos começou a falar que as meninas são muito choronas e que choram por tudo, mas que os meninos não choravam porque eles eram machos. As meninas se defendiam dizendo que choravam porque é mais fácil chorar quando se é menina. Após as explicações das crianças, pedi a atenção deles e delas e passei para turma

um vídeo que conta a história do “Menino Nito” do livro infanto-juvenil da autora Sônia Rosa. Nito era um menino que nasceu tão bonito e que por isso passou a ser chamado por este apelido, porém, o garoto chorava por qualquer motivo e até sua mãe às vezes pedia para que ele parasse de chorar. Certo dia seu pai, achando que ele já era grande para tal comportamento, o chamou para uma conversa dizendo o seguinte discurso: “Você é um rapazinho, já está na hora de parar de chorar à toa. E tem mais: homem que é homem não chora. Você é macho! Acabou o chororô de agora em diante viu?” As palavras do pai ficaram ecoando em sua cabeça, “acabou o chororô”, “homem não chora”, “você é macho”. Essas palavras selaram o novo comportamento de Nito. O menino deixou de chorar e daquele momento em diante passou a engolir todos os choros até que não aguentando mais o peso dos choros guardados dentro de si, ficou doente. A visita do médico resolveu o seu problema: o menino tinha que “desachorar” todas as lágrimas reprimidas e assim ficaria curado. Nesse mesmo dia o pai de Nito disse: “filho, você deve chorar sempre que quiser, mas não chore sem razão”. Assim, a família de Nito aprendeu que o choro é importante e que ele não deve ser reprimido.

Após o término do filme as crianças estavam pensativas e demonstravam ter se envolvido com a história do personagem Nito. Perguntei à turma novamente o que achavam a respeito do assunto:

Eu: Menino pode chorar?

Todos: Sim!

L: Tia, menino pode sim chorar. Menino também tem sentimento.

H: Menino tem medo de monstros.

S: Menino tem dor de barriga.

V: Menino tem fome!

JF: Menino também chora quando faz coisa errada e o pai, a mãe briga.

M: Bom saber que meninos também choram tia!

Depois que a turma se manifesta a favor do choro dos meninos, converso com eles sobre importância de não reprimir este sentimento seja em meninas ou meninos, pois assim como aconteceu com o personagem Nito, pode acontecer com qualquer homem, mulher, pai, mãe, menina e menino o choro é um sentimento do qual não devemos sentir vergonha em expressar e que homens e meninos não vão se tornar “fracos” por esse ato humano. A turma se mostrou muito sensível a temática e muitos relatos surgiram

demonstrando que as crianças compreenderam que meninas e principalmente os meninos podem sim expressar seus sentimentos, mesmo que estes sentimentos escorram pelos olhos. Após esta conversa eu e a professora regente cantamos junto com a turma musiquinhas infantis proporcionando à turma momentos de descontração e risadas.

Após este momento dei continuidade com outra atividade. Distribuí às crianças desenhos onde meninas e meninos deveriam escolher e colorir os brinquedos/brincadeiras que gostariam de brincar naquele momento.

No quadro abaixo coloquei as respostas obtidas de cada criança em relação a atividade sugerida, marquei as escolhas de cada menino e menina com um “x”. Para realizar esta análise subdividi as respostas em grupo de meninas e meninos para melhor compreensão dos resultados (ver quadro 4 e 5).

Em cada quadro estou especificando as respostas das doze meninas (quadro 3) e dos doze meninos (quadro 4). No início dos quadros há uma linha de desenhos indicando tipos de brinquedos e brincadeiras que fazem parte do cotidiano das crianças onde cada uma escolheu os brinquedos de sua preferência.

Quadro 4. Hoje vou brincar

Desenho													
RESPOSTAS DAS MENINAS	1			X	X	x		x	x		x		x
	2	X	x	X			X	x			x	x	
	3	X	x	X	X	x	X				x	x	x
	4	X				x	X		x			x	
	5	X	x		X	x	X	x	x	X	x	x	x
	6			X			X				x	x	x
	7	X	x	X	X	x	X	x	x	X	x	x	x
	8	X	x				X	x	x		x	x	x
	9		x		X	x		x	x	X			x
	10		x		X	x		x	x	X			x
	11		x	X	X	x	X	x	x	X			x
	12		x		X	x		x	x	X			x
Escolha		50%	75%	50%	67%	75%	67%	75%	75%	50%	58%	58%	83%

Nas escolhas femininas encontrei a casinha como brinquedo preferencial obtendo um percentual de 83% das escolhas. Seguindo uma ordem decrescente de interesses veio o livro, a flor, o fogão e o carrinho de bonecas respectivamente com 75% das escolhas das alunas. O skate e a brincadeira de chazinho com 67% de preferência. A peteca e o

futebol ficaram com 58% das escolhas femininas, no entanto, as menores escolhas ficaram entre a brincadeira de carrinho, pipa e ursinho com 50% cada.

Quadro 5. Hoje vou brincar

Desenho													
RESPOSTAS DOS MENINOS	13	x	x	X	X	x	X	x	x	x	x	x	x
	14	x	x	X	X	x	X	x	x	x	x	x	x
	15	x	x	X	X	x	X	x	x	x	x	x	x
	16	x	x	X		x	X				x	x	
	17	x	x	X		x	X				x		
	18	x				x	X	x			x	x	x
	19	x					X				x	x	
	20	x											x
	21	x	x	X			X				x		
	22	x				X	X				x		
	23	x	X	X							x	x	
	24	x		X						x	x	x	x
Escolha	100%	58%	67%	25%	58%	75%	33%	25%	33%	92%	67%	50%	

Analisando o quadro pode ser inferido que os brinquedos/brincadeiras mais escolhidas pelos meninos são carrinho com 100% de preferência. A peteca foi o brinquedo escolhido por 92% dos garotos. A brincadeira com skate ficou com 75% das escolhas masculinas. A pipa e futebol com 67%, livro e flor com 58% e a brincadeira da casinha com 50% das escolhas. No entanto, as escolhas mais baixas foram os brinquedos/brincadeiras como ursinho e fogão com 33% e café e/ou chá e carrinho de boneca com apenas 25% das escolhas.

Na entrega das atividades as crianças comentavam umas com as outras as suas escolhas e cada uma defendia, mesmo sem saber, o seu ponto de vista ou ponto de vista de sua família. Segundo os relatos dos meninos, estes não gostavam de brincar com “coisinhas de menina”, como casinha ou os utensílios que compõem o ambiente do lar porque tudo isso era coisa de “mulherzinha” e que menino tinha que brincar com coisas de menino para crescer e ser homem. Já as meninas justificavam suas escolhas declarando que suas mães incentivam as brincadeiras femininas, pois elas devem agir desse modo quando crescer para arrumar um bom marido. Aqui percebe-se que as percepções de gênero que as crianças carregam consigo são efetivamente transmitidas por suas famílias que reforçam os estereótipos femininos de que devem desde pequenas se prepararem para no futuro ser uma mulher de verdade, aquela que deve responder pelas entranhas do lar.

Durante a conversa das crianças, minha atenção voltou-se para uma criança do sexo feminino, “E”, de 4 anos, uma das menores da sala de aula que era o centro das atenções na mesa e logo tornou-se o centro das atenções na sala de aula contando uma história.

E: Tia posso te contar uma historinha?

Eu: Sim!

E: Na minha casa tenho duas bonecas e elas ficam conversando: como é que é?! Você não quer casar menina? Você tem que casar! Você tem que ter um marido pra casar e ter tudo na casa! Nada de ficar de nhênhê por aí! Você tem que casar! Você tem que ser uma mocinha, por isso vá já arrumar a casa! (a turma dá muitas risadas).

Terminada a historinha, toda turma se prepara para a chegada dos pais. No final da aula a garotinha “E” ainda está esperando por alguém de sua família na porta da sala e lhe faço companhia e assim aproveito para saber um pouco mais de sua história de vida.

Eu: Gostei de sua historinha E.

E: Minha mãe fala assim, eu aprendi com ela (risos)

Eu: Onde sua mãe trabalha?

E: No salão de beleza, ela cuida das unhas. Olha as minhas pintadas de rosa.

Eu: Onde seu pai trabalha?

E: Não sei quem é meu pai tia. Minha mãe disse que ele é do mundo. Minha mãe diz que um dia ela vai casar e vai ser feliz.

Eu: O que você quer ser quando crescer?

E: Eu também vou ser feliz quando crescer, porque eu vou casar também (risos). Tchau tia, minha vó chegou.

Eu: Tchau “E”. Vou lembrar de você.

A avó chega para buscá-la e à levar em segurança para casa. Como se tratava de meu último dia em sala de aula, nos despedimos com um forte abraço e ambas, avó e aluna, seguiram seu caminho de mãos dadas desaparecendo no portão da escola da praça.

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta pesquisa de campo que realizei em sala de aula por mais de seis meses de observação junto as crianças da educação infantil, pude perceber como as percepções de gênero se manifestam desde a mais tenra idade. A maioria das crianças trazem consigo percepções repassadas por seu núcleo familiar e desde muito pequenos aprendem que o mundo se divide em azul e rosa, homem e mulher, menino e menina. Os brinquedos e as brincadeiras também acabam seguindo essa lógica e assim estes se dividem em “coisa de menino” e “coisa de menina”. Esse binarismo imposto naturalmente pela sociedade e ratificado pela família concretiza desse modo a separação não só de corpos, mas de pensamentos e valores. Assim, as crianças aprendem a separação dos objetos, dos tipos de brincadeiras, brinquedos e cores que pertencem a meninas e meninos. Dessa forma os familiares e responsáveis por essas crianças, seus primeiros exemplos, perpetuam uma segregação entre os gêneros desde a primeira infância.

Durante as observações em sala de aula algumas crianças se manifestaram dizendo que meninas e meninos também poderiam dividir os brinquedos e as brincadeiras, mostrando assim que nem todas as crianças da sala veem o mundo em separação de cores ou sexo. Acho importante ressaltar que as crianças que saíram em defesa de que brincadeiras e brinquedos podem ser compartilhados entre os gêneros na maioria são os filhos e filhas mais velhos e portanto, possuem irmãos pequenos que acabam dividindo os brinquedos em casa não importando a diferença de sexo. Entretanto, a grande parte da turma defendeu a divisão das brincadeiras, sendo dessa forma que as brincadeiras aceitáveis para os meninos deveriam ser carrinhos, bola, peteca, futebol na rua, dinossauros e as meninas deveriam brincar com suas inseparáveis bonecas, casinhas, fogão e panelas. Aqui posso afirmar que a maioria das crianças que foram observadas na pesquisa defendiam que há sim, uma separação de brincadeiras e atitudes mediante os brinquedos. Porém, durante a realização da oficina, a maioria das crianças sempre se mantiveram dispostas a participar das brincadeiras, buscando romper preconceitos, trabalhando as diferenças e aprendendo a enxergar o mundo por um novo olhar, um olhar compartilhado entre meninas e meninos.

Diante desta visão dicotomizada a escola diante a intervenção do professor ou professora em parceria com a família e a comunidade escolar deve trabalhar estas questões desconstruindo o pensamento dominante em separar o “papel da mulher” do

“papel do homem”, ratificando as desigualdades entre os gêneros. A escola juntamente com a família tem um papel fundamental na luta pela quebra de paradigmas que ainda vinculam na história da humanidade fazendo assim com que os sexos masculino e feminino busquem sempre se diferenciar entre fortes e fracos, autoritários e submissos.

No decorrer das atividades ministradas na oficina para esta pesquisa, as crianças demonstraram satisfação em saber que meninas e meninos também podem dividir brincadeiras, alargando assim as possibilidades de participação em determinados espaços como foi o caso da partida de futebol, onde toda turma participou da brincadeira de modo que todos ficaram satisfeitos em ocupar e dividir a quadra de futebol com as colegas que também aprovaram a brincadeira.

Outro momento de apreciação foi a brincadeira da casinha do parque onde meninos participaram junto com as meninas deixando de lado estereótipos de que somente meninas brincam com questões domésticas. Aqui pude perceber como a falta de incentivos nestas brincadeiras fazem com que as crianças, principalmente os meninos, cresçam acreditando que não somente nas brincadeiras, mas em toda vida devem se manter distantes dos afazeres domésticos. Acreditando desse modo que cabe somente a mulher a tarefa de manter a ordem do lar. E assim, também as meninas desde muito pequenas internalizam o pensamento de que são responsáveis pela administração de uma casa onde no futuro serão “rainhas do lar”.

Nas observações pude perceber que há um certo medo velado em trabalhar as questões de gênero principalmente com as crianças da educação infantil. Sabemos que a identidade dos pequenos está sendo formada e mediante esta realidade, professoras (refiro-me à elas porque são a maioria na educação infantil) se mostram pouco à vontade em trabalhar este assunto, pois acreditam que podem influenciar para que aconteça o homossexualismo na infância e por isso acabam reproduzindo a ideologia dominante petrificando as separações de gêneros em suas cores, brinquedos, brincadeiras e atitudes do cotidiano.

Este medo velado vem acompanhado da vigilância para com as crianças, pois há o receio de que meninos ao brincarem com a cor rosa possa se tornar afeminado e que meninas ao descobrirem o prazer de correr atrás de uma bola, pular ou lutar se torne uma garota masculinizada e desse modo pais, mães e até mesmo profissionais da educação se tornam ávidos vigilantes da separação dos sexos feminino e masculino.

Durante o período de observação percebi que as crianças estão dispostas a aprender e aprendendo naturalmente se tornam defensoras das atitudes que acreditam ser corretas,

assim, acabam por influenciar os pensamentos dos próprios familiares que podem então mudar de atitudes, conceitos e percepções. Por isso os professores e professoras precisam estar em constante processo de formação e assim capacitados para transmitir o conhecimento com qualidade promovendo a igualdade de conhecimento, deveres e atitudes entre todos os alunos e alunas e se desfazendo do medo de trabalhar as questões de gênero.

Cursos são oferecidos ao quadro de profissionais da educação do Distrito Federal para que haja uma complementação ou atualização dos professores e professoras das diversas modalidades de ensino. Em parceria MEC, GDF e a Faculdade de Educação (UnB) oferecem as professoras e professores da SEDF um curso de 200h para a capacitação dos profissionais a respeito da temática Gênero e Diversidade na Escola que será coordenado pela professora Dra. Iracilda Pimentel com aulas de ensino a distância e presencial. Neste curso foram oferecidas 300 vagas para estes profissionais onde receberão informações sobre as questões de gênero que depois serão aplicados na prática dentro das escolas e salas de aula com o intuito de trabalhar a quebra de paradigmas entre o masculino e o feminino através da educação de base.



Figura 3 Curso Gênero e Diversidade na Escola. Em 13/11/2013.

Ao se tratar da educação infantil, os assuntos são ensinados de maneira que a vivência em sociedade não passe despercebido, pois é na escola, principalmente onde as crianças pequenas vão moldando suas personalidades, sua identidade e o respeito as

diferenças. Desse modo os assuntos ministrados em sala de aula não devem ser repassados somente de forma a cumprir cronogramas, mas sim com o objetivo de construir um cidadão e uma cidadã.

As atividades pedagógicas e as intervenções em sala devem acontecer com qualidade. Uma sugestão de trabalho é que haja uma inversão dos papéis sociais, meninos fazendo coisas de menina e vice-versa. Há várias possibilidades como por exemplo, meninas construindo o que acham ser um brinquedo para menino e os meninos construindo para as meninas. Meninas brincando com brinquedos ditos masculinos e meninos brincando com bonecas e outros brinquedos e brincadeiras de meninas. As atividades na educação infantil podem ser das mais diversas e por isso devem sempre ter como objetivo o respeito ao outro através das brincadeiras, atividade primordial nesta modalidade de ensino, pois brincando, brincando se diz a verdade. Então brincando, brincando se muda uma realidade.

Além dos brinquedos e brincadeiras, o diálogo entre a escola, a família e a educação precisam fazer parte desse processo de atividades, pois todos estes servem como instrumento de transmissão de valores. Por uma educação não sexista, por uma educação para igualdade, um diálogo que transforme sem imposição sem rotulação, por uma educação libertária sem a reprodução de desigualdades que se acabem em estereótipos acredito assim como Auad (2011) *“que lindos gatinhos, por exemplo, podem ser criados. Graciosos cãezinhos podem ser adestrados. Contudo, apenas meninas, meninos, homens e mulheres podem ser educados”*.

Durante a pesquisa ao observar as ações da professora em vários momentos na sala de aula percebi que a mesma se preocupa com as questões de gênero, no entanto, não profundamente, mas em suas atitudes e conversas tenta não desvalorizar ou exaltar os sexos. Um dos momentos que mais me chamou atenção durante as observações foi quando a professora trabalhando sobre a temática do dia do trabalho se viu diante da polêmica que mãe não trabalha. Sua atitude foi de notável sabedoria, pois a profissional entrevistada fez de modo a fazer com que seus alunos e alunas refletissem sobre o trabalho formal e informal, sobre o trabalho fora e dentro de casa, sobre o trabalho do lar como um trabalho de todos e não apenas da mãe. Porém, em outros diálogos pode-se perceber que há por parte da profissional a aceitação da condição feminina na sociedade como aquela que estará “acostumada” a determinadas situações. A família e a religião são elementos muito presentes na fala da professora, no entanto, ela busca ser em sala de aula alguém que trabalha as questões de modo a não privilegiar apenas um lado, mesmo sendo

defensora de que as coisas devem continuar como estão como as normas de conduta vem sendo perpetuadas ao longo da história, demonstrando assim sua tolerância consciente ou inconsciente para com o pensamento androcêntrico.

PARTE III – PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Como futura profissional da educação pretendo em minha jornada trabalhar olhando o próximo como um sujeito que deve ser levado em consideração o seu contexto histórico de vida, mas que acredita que este contexto não deve ser intocável, mas sim trabalhado de maneira que venha contribuir para seu crescimento pessoal como cidadã, cidadão e futuro profissional.

Tenho objetivos de continuar estudando, pois acredito que a educação é uma área em que os conhecimentos nunca cessam, por isso anseio ingressar no mestrado após a conclusão da graduação. Projetos para o futuro são muitos, mas de imediato tenho real interesse em atuar em sala de aula junto às crianças da educação infantil. Passar no concurso público para ser professora da rede pública de ensino do Distrito Federal. Pretendo buscar especializações para em sala de aula sempre dar o meu melhor.

As questões de gênero sempre estiveram presentes em minha caminhada e acredito que se manterão, por isso pretendo manter-me ligada aos conhecimentos da temática da diversidade, pois acredito que como professora posso trabalhar dentro e fora da sala de aula através de minhas atitudes como profissional da educação e mãe na luta diária pela desconstrução da herança cultural onde os valores distorcidos chegam às novas gerações sem serem repensados.

Espero em breve dar continuidade aos meus planos e assim tornar-me uma profissional que almeja fazer seu trabalho com dedicação, competência e real compromisso com a educação dos estudantes contribuindo para uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

AUAD, D. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília: Câmara dos Deputados, 1988.

_____. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2010.

_____. **Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional. 1961.

_____. **Indicadores da Qualidade na Educação Infantil**. Ministério da Educação / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/SEB, 2009.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei Federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Câmara dos Deputados, 1996.

_____. **Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília: Câmara dos Deputados, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros nacionais da qualidade para a educação infantil/Ministério da Educação**. Secretaria de Educação Básica – Brasília. DF. 2006.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Volume 1: Introdução; volume 2: Formação pessoal e social; volume 3: Conhecimento de mundo.

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. 4ª Ed. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1970.

BLOG CURUÇÁ <http://curucapa.blogspot.com.br/p/historico.html> acessado em 13/10/2013 às 15:44

CAMPOS, M. M. **Educação infantil**: o debate e a pesquisa. Cadernos de Pesquisa, n. 101, p. 113-127, jul.1997.

FINCO, D. **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na educação infantil**. Artigo. Revista Pro-Posições. v. 14, n. 3 (42) - set./dez. 2003. Unicamp, São Paulo, 2003.

GROSSI, M. P. **Feministas históricas e novas feministas no Brasil**. Revista Sociedade e Estado, Volume XII, nº 2, Jul./Dez. 1997.

KUHLMANN JR., M. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 2011. 192 p.

LOURO, G. L. (org.) **O Corpo Educado**. 2ª Ed. Autêntica. Belo Horizonte, 2000

MARIANO, S. M. F. **Brincadeiras e Jogos na Educação Infantil**: o lúdico e o processo de constituição de sujeitos numa turma de crianças de 4 e 5 anos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Uberlândia. Faculdade de Educação. Uberlândia, 2009. Disponível em: http://www.bdtu.ufu.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2568. Acesso em: 29 out. 2013.

MORENO, M. **Como se Ensina a Ser Menina**: o sexismo na escola. São Paulo. Unicamp, 1999.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como Fazer Pesquisa Qualitativa**. 2ª ed. – Petrópolis: RJ: Vozes, 2008. 182 p.

REIS, L. **Envolvimento e bem-estar das Crianças: dimensões de qualidade na educação infantil**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. Brasília, 2011. Disponível em: http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/2347/1/2011_LaraReis.pdf. Acesso em: 02 set. 2013.

SILVA, T. T. da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, T.T. da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

SWAIN, T. N. **Feminismo e recortes do tempo presente:** mulheres em revistas “femininas”. Revista São Paulo em perspectiva, 15 (03), 2001, p. 67-81.

SOUZA, R. F. de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

TYLER, R. W. **Princípios básicos de currículo e ensino.** Trad. de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo. 1974.

<http://www.youtube.com/watch?v=qOJlzqrYMNQ> vídeo: Brincando de boneca – Turma da Mônica

<http://www.youtube.com/watch?v=sHAGZoNAeEU> vídeo: Trabalhando as diferenças – Educação Infantil.

ZABALZA, M. A. **Qualidade em Educação Infantil.** Porto Alegre: Artmed, 2007. p. 229-281.

APÊNDICES

Relatos das observações realizadas no período de abril – outubro 2013

Atividades de desenhos realizadas durante a oficina

RELATOS RECOLHIDOS DURANTE AS OBSERVAÇÕES NA ESCOLA CLASSE DO GUARÁ.

Período: Abril de 2013

O = Observadora / PR = Professora Regente

O: Professora, conte-me um pouco de sua vida profissional.

PR: Ah, eu comecei a trabalhar muito cedo, muito novinha. Trabalhei em uma escolinha aqui mesmo no Guará. Você conhece o Cantinho do Céu? Pois é, foi lá que comecei como professora das criancinhas de 2 e 3 anos. Uma amiga da minha família foi que arrumou essa vaga de trabalho. Depois, minha mãe ficou falando pra eu fazer magistério e foi aí que entrei na Escola Normal de Brasília. Mas, eu queria trabalhar e acabei saindo da escola, porque as aulas eram pela manhã e pra mim ficava muito difícil. Foi aí que fui fazer magistério na escola Maxwell aqui mesmo no Guará. Mas, só fiz mesmo porque minha mãe insistia muito. (risos) Na verdade minha mãe foi quem sempre me incentivou nessa área. Teve uma época que saí dessa área e fui trabalhar como corretora de imóveis, trabalhei por oito anos e aí de novo a minha mãe ficou falando, falando pra eu fazer o concurso da Secretaria e pra ela parar de falar eu fui lá e me inscrevi no concurso. Depois ela ficava falando, falando que eu tinha me inscrito no concurso e que não estava estudando. Ela comprou o material pra mim estudar, mas eu nem estudei. No dia da prova choveu um mundo de água e como eu estava na casa de uma prima e lá estava acontecendo uma festa de aniversário eu avisei a minha mãe que não iria fazer a prova, ela ficou tão indignada, brigou tanto comigo que de raiva fui embora da festa e fui fazer a prova. Na época o concurso era para mil vagas e meu número de classificação foi 638. Levei três anos para ser chamada e foi incrível como tudo aconteceu. Eu ainda trabalhava na corretora, mas já estava cansada de lá. Eu menti para o dono da corretora dizendo que tinha que sair porque a Secretaria tinha me chamado e assim negociamos a minha demissão. No dia seguinte realmente fui chamada para assumir a vaga, acredita nisso?! (risos).

O: Qual foi a escola que você assumiu como professora?

PR: Ixi, foi uma escola lá passando Santa Maria, já lá perto de Valparaíso. Cheguei na regional de ensino de lá e me informaram qual era a escola. Eu e uma amiga que também tinha sido chamada fomos até a escola, quando cheguei lá e me apresentei à direção, me informaram que eu devia já entrar em sala de aula. Isso era 13h e eu nem tinha almoçado, muito menos tinha um plano de aula. Fui pega no susto. Nessa escola trabalhei também com as crianças da educação infantil, foram cinco anos nessa escola. As crianças eram na maioria filhos de traficantes da região, eles reconheciam barulhos de tiro de longe. Às vezes eles diziam baixa, baixa tia que é tiro! Eu nem tinha ideia qual era o barulho de um tiro e aquelas crianças já sabiam até se defender. Tinha pais que eram drogados e que no final da aula eles iam buscar os filhos na escola e a gente nem podia impedir era pai mesmo né? O que eu fazia às vezes, era passar perto da casa deles para ver se estava tudo bem e depois que via as crianças brincando na rua perto da casa deles aí eu voltava pra casa. É, te digo uma coisa, pra trabalhar como professora de crianças é preciso ter um espírito forte, porque tudo que acontece com eles nos afeta. O caso mais triste que aconteceu comigo, foi quando eu trabalhei na Estrutural. Eu não tive estrutura para aguentar a situação e até hoje tenho que responder por isso.

O: Professora, desculpa lhe perguntar. Mas o que aconteceu na Estrutural?

PR: Eu tinha uma aluna de cinco anos, uma menina muito esperta. Ela morava com a mãe e a irmã mais velha, acho que tinha doze anos, mas já estava grávida de uns seis ou sete meses. O pai dela estava preso porque era traficante e também usuário de drogas e ele ficou devendo um traficante desses grandões e foi ameaçado de morte, mas a polícia prendeu ele antes do traficante acertar as contas com ele. A mãe dela trabalhava como diarista, mas também usava droga e a filha ficava em casa e sempre levava e buscava essa aluna na escola. Um dia o traficante da região invadiu a casa da família dela para acerto de conta e assassinou a mãe e a irmã grávida e essa criança presenciou a morte das duas e ficou em estado de choque. Como eu ainda estava na escola, outras crianças vieram me chamar para socorrer ela que só chorava e gritava. A polícia demorou chegar no local e eu não podia deixar ela naquele estado, então levei ela pra minha casa. O conselho tutelar me pediu para ficar com ela por um tempo, pois ela só queria ficar comigo, foi quando a justiça me concedeu a guarda provisória dela, mas eu não tive estrutura física e psicológica para enfrentar essa situação e aí eu entreguei ela para o conselho tutelar e não soube mais nada dela. É muito difícil né? Eu me preocupo, mas tenho que separar trabalho e vida pessoal, peço a Deus que tudo esteja bem. Fiquei com depressão e me afastei da escola por um ano e até hoje recebo atendimento psicológico e psiquiátrico da SEDF. Eles me passam remédios controlados, mas não uso porque os problemas não desaparecem, só quem vem me encher a paciência é o sono incontrollável e se eu só ficar dormindo a vida passa, mas os problemas ficam. Então, quando eu estou muito aflita, vou para igreja, sou muito católica e acredito que Nossa Senhora de Fátima é muito poderosa para me fortalecer, mas também uso remédio naturais para manter a calma, mas confesso que não vejo a hora de me aposentar. Ah, se eu fosse dez anos mais jovem com certeza mudaria de profissão. Trabalharia com animal. É muito melhor do que trabalhar com gente. Mas trabalhar como professor é um vício que tomar cachaça, você sempre quebra a cara, mas no dia seguinte tá lá de volta. O jeito seria saber conviver com essas diferenças, errando aqui, acertando ali, dançando conforme a música.

O: Professora você fez o curso de Pedagogia antes ou depois que entrou na SEDF?

PR: Fiz minha graduação quando já era professora da Secretaria. Na verdade fiz três faculdades antes, mas como nunca tive o privilégio de estudar pela manhã, sempre tive que estudar no turno da noite porque trabalhava de dia. As três faculdades que fiz acabava desistindo porque sempre estava muito cansada, trabalhar com crianças todos os dias acaba com você. Eles tem muita energia e a gente já vai ficando sem pique conforme a idade (risos). Além disso, a faculdade sempre foi muito cara e isso também ajudava na desistência. A Fundação me ajudou, pois eles incentivaram os professores que ainda não tinham a graduação e assim foi que eu consegui finalmente me graduar em 2005 lá no UniCEUB.

O: Você tem pós graduação?

PR: Nãoooo! Não tenho tempo pra isso e também não tenho interesse. Nunca tive vontade de fazer pós-graduação. Estou muito cansada da profissão eu quero me aposentar. São muitos os abalos emocionais que sofremos como professora. Já trabalhei em diversas escolas públicas no Distrito Federal, Valparaíso, Santa Maria, Gama, Ceilândia, Núcleo Bandeirante, Paranoá, Estrutural e agora Guará. Trabalhar como professora de crianças é se envolver o tempo todo com os alunos e a necessidade deles se tornam nossas necessidades, as alegrias e as tristeza também. A turma deste ano, menina, vou te dizer é muito despreparada. Não sabe pegar o lápis, nada de coordenação motora, corporeidade nada, totalmente despreparados. Terei muito trabalho com eles e dizendo os pais que grande parte das crianças tinham interesse em vim pra escola por causa dos irmãos mais

velhos que já frequentam. E os preconceitos que eles trazem de casa? Nossa! Tem muitos professores aqui mesmo na escola que estão fazendo mestrado e doutorado, acho até que você conhece, eles fazem lá na UnB, mas não quero não. Queria mesmo mudar de profissão. Até tentei um cursinho para concurso, me inscrevi para a câmara dos deputados, fiz o cursinho por três meses a noite, mas quando chegava em casa tarde da noite ainda tinha que arrumar a casa, ajudar as minhas filhas nas atividades da escola porque meu marido não sabe ajudar e ainda tinha que preparar a aula do dia seguinte. Eu nunca fui uma pessoa diurna então pra mim é muito puxado ter que acordar cedo para dar aula. Como não estudava em casa, eu não passei no concurso e então desisti de mudar de profissão. Pelo menos agora quando saio da escola resolvo meus problemas pessoais, vou pra casa e faço meus trabalhos domésticos, ajudo minhas filhas nas atividades e durmo cedo. Como sou 40h na escola, faço meus planejamentos e relatórios aqui mesmo.

O: Esse acúmulo de funções da mulher não lhe faz querer uma divisão mais igualitária dentro de casa?

PR: Ah sim, com certeza! Mas a gente se acostuma com isso. Os homens não sabem fazer nada ou pelo menos não sabem fazer muita coisa né?! (risos). Nós mulheres já sabemos fazer muita coisa desde pequena, mas sim, seria muito melhor se as tarefas pudessem ser divididas. Eu ficaria muito feliz que meu marido pelo menos não sujasse tanto (risos). Mas sabe, pensando por essa lógica, pra mim, quem precisa mesmo ser ajudado são os homens, são os meninos. Por que qualquer coisa que eles possam fazer de diferente sempre vão ser discriminados como “marica”, “filhinho da mamãe”, “mulherzinha”. Eles sim precisam ser ajudados a superar esse problema que aflige a todos os meninos. Nossa, quando fiquei grávida, há nove anos atrás e soube que era gêmeos comecei a ter medo de ser mãe e rezava todo dia. Olha, te digo mesmo! Sou mãe, sou mulher e quando fiquei grávida pedi tanto a Deus que não me desse filhos homens porque é muito mais fácil criar as meninas. Elas são mais dóceis e sempre vão estar acostumadas em ficar dentro de casa e por isso sofrem menos, diferente dos meninos que são mais livres. Sei que devemos dentro da escola também falar sobre as questões de gênero, o RCNEI também trata sobre isso, mas você sabe que isso é um tema transversal, logo não é tão importante assim. Depois falar com os filhos dos outros não é fácil. Não sei como é dentro de cada casa, não sei se o que vou dizer aqui realmente vai mudar as atitudes deles. Mas fico feliz ter você aqui para partilhar essa árdua tarefa.

Período: Maio de 2013

PR = Professora Regente / Am = Alunos masculinos / Af = Alunas femininas. Entre parênteses coloquei as iniciais de cada criança. Exemplo: Luciane = (L)

PR: Crianças hoje vamos falar sobre o dia do trabalho que tá chegando né?! Quem aqui sabe em que o pai e a mãe trabalha?

Af (SM): Meu pai trabalha no supermercado e minha mãe também e minha vó também.

Am (LF): Minha mãe é professora de matemática, mas de meninos grandes tia.

Am (G): Tia, só meu pai trabalha! Minha mãe não trabalha. Ela fica em casa, cuidando da minha irmãzinha e da comida.

PR: E vocês acham que a mãe que fica em casa não trabalha? Ela trabalha sim e muito. O que vocês acham que a mãe de vocês fazem em casa?

Af (A): Ela arruma a nossa bagunça tia.

Af (E): Ela também manda a gente arrumar tudo que tá fora do lugar. Os brinquedos.

PR: Verdade. E vocês tem que ajudar a mamãe que trabalha todo dia e que não tem o trabalho reconhecido. Mas hoje vamos continuar falando do trabalho com remuneração, com salário porque está chegando o dia do trabalhador.

Durante o intervalo:

PR: Você tá vendo como são as coisas. As mães não tem nenhum reconhecimento e olha que eles são apenas crianças. Amanhã você me ajuda com uma atividade sobre trabalho doméstico? Aceito sugestões (risos)

O: Claro que ajudo. Acho que poderíamos trabalhar com a Cinderela. Com a canção do trabalho que os ratinhos cantam.

PR: Combinado, se você puder ficar no contra horário podemos planejar.

O: Combinado então.

No dia seguinte:

PR: Crianças hoje vamos para a brinquedoteca realizar uma brincadeira monitorada e a tia Luciane vai trabalhar com a gente. Vamos formar uma fila de meninas e meninos e devagar vamos nos dirigir a sala da brinquedoteca. E depois vamos ver o filme da Cinderela.

Af: Legal! Eeee...

(As crianças se dirigem a brinquedoteca)

PR: Hoje vamos brincar de casinha dentro da brinquedoteca. Vamos entender o que a mamãe faz em casa.

Am (H): Eu não quero brincar assim. Não sou mulherzinha. (risos)

O: Que tal então você me ajudar a colocar os brinquedos no meio da sala? Você vai colocando os brinquedos que sempre ficam na cozinha pode ser?

Am (H): Tá bom! Eu vou espalhar tudinho (feliz)

Nesta atividade da brinquedoteca as crianças espalharam os brinquedos pela sala e depois conversamos com todos como a sala ficava feia e suja com tanta coisa espalhada e fizemos um trabalho de conscientização com eles para sempre manterem a casa arrumada depois da brincadeira. Na biblioteca assistimos ao filme da Cinderela e demos ênfase na música que se chama “Canção do Trabalho”. No final desta aula as crianças passaram a ver como a mãe trabalha dentro de casa e que seu trabalho merece ser reconhecido e respeitado. Além disso incentivamos as crianças que a divisão de trabalho entre os adultos (pai/mãe ou homem/mulher) é muito importante para que não haja uma sobrecarga para ninguém, em especial a mãe.

Ao final da aula:

PR: As conversas quase sempre funcionam muito bem nessa idade (4 e 5 anos) espero que eles possam refletir sobre essa questão, mas não sei como é na casa de cada um né. Até na minha casa eu mesma não coloco isso em prática, deveria, mas não coloco. (risos). As mudanças chegam a todo momento e só a escola tem que saber responder por isso?

O: **Você não sente necessidade de fazer uma especialização no assunto de gênero? O GDF e a UnB tem parceria para um curso que trabalha com as diversidades.**

PR: Não, não tenho tempo. Deixo essas questões para o orientador educacional (demonstra desdém). Pra eles é tudo “normal”. Hoje, preciso adequar meu trabalho e meus pensamentos naquilo que dizem ser “normal”. Normal para mim é o que a minha religião fala. Deus fez o homem e a mulher, ponto! Cada um tem que assumir o seu papel, ponto! Como profissional posso dizer na sala de aula o que eles (a direção) querem, mas é só da boca pra fora. Na minha casa as coisas são bem diferentes. Imagina na casa dessas

crianças como deve ser. Eu quando criança sofri com vários apelidos: quatro olhos, osga, baixinha, elefante. Claro que quando criança eu chorava, mas superei tudo. Hoje tudo é bullying. As frustrações fazem parte do nosso crescimento, mas acontece que hoje é errado ter frustrações.

Primeiro dia de Oficina: Atividade na brinquedoteca.

Segunda-feira: 07/10/2013

O: Você está brincando do quê?

Am (MT): Estou brincando de Batman!

O: O que o Batman está fazendo?

Am (MT): Está levando o bebê para passear. Ele é pai tia!

A criança sai correndo pela sala brincando com o carrinho de bebê.

PR: (sorrindo) eu te falei, aqui eles brincam de tudo sem preconceito. Menina brinca com coisas de menino e menino também brinca com coisas de menina. Mas as palavras ainda são muito carregadas de preconceito. Às vezes até eu mesma tenho palavras muito dura, são coisas que não dá para mudar de uma hora pra outra né?! Pra gente que já tem a personalidade formada é mais difícil ainda. Bom mesmo é trabalhar quando criança, nessa idade porque ainda estão formando sua identidade. O problema é que se a família não consegue fazer isso sobra pra escola e aí a instituição fica inchada de tanta coisa que tem que fazer. (desabafa)

Segundo dia de Oficina: Menino brinca de boneca?

Terça-feira: 08/10/2013

O: Meninos brincam de boneca?

Am e Af: NÃO! (algumas vozes se levantam para defender o sim)

O: Quem acha que meninos podem brincar de boneca levanta a mão pra tia ver? (poucas mãos se levantam, a maioria fica com as mão baixas). Agora quero que levante a mão os que acham que meninos NÃO podem brincar de boneca. (a maioria levanta a mão em concordância).

Af (A): Tia os meninos podem sim brincar de boneca. Mas eles é que não gostam.

Am (G): Eu não gosto mesmo! Não sou mulherzinha.

O: Mas só mulher pode brincar de boneca?

Am e Af: SIM!

Am (MT): Não tia. Os homens podem sim. Eles um dia vão ser pai e pai também cuida do filho, passeia, dá banho, conta história, meu pai faz isso e ele é homem.

O: Isso mesmo MT, o pai deve fazer assim com seus filhos e a gente pode treinar depois na casinha da escolinha. Quem quer brincar na casinha do parque?

Am e Af: Eu!!

O: Certo, mas agora eu quero assistir com vocês um filme da turma da Mônica. Se chama “Brincando de boneca”. Vamos?

Am e Af: Vamos!!

Após a exibição do filme, volto à perguntar a turma se meninos podem brincar de boneca e mais uma vez responderam unânimes NÃO.

Am (JP): Minha mãe diz que devo brincar com minha irmãzinha que gosta de casinha e boneca. Também a gente brinca de bola em casa. (quatro meninos e quatro meninas divergiram da maioria. Para eles e elas meninos podiam brincar com boneca)

No intervalo providenciei uma brincadeira monitorada onde dividi dois grupos de 12 crianças (com os sexos misturados) e juntos fomos brincar na casinha do parque. Os

meninos seriam pais e deveria cuidar dos filhos e as meninas deveriam auxiliá-los nas tarefas. Ao final as crianças se mostraram satisfeitas com a experiência.

Am (PP): Tia, queria que meu pai gostasse de mim, assim ele ia sempre me cuidar, banhar e dá comida. Mas, tudo é a mamãe que faz e aí ela diz tá cansada.

Terceiro dia de Oficina: Faça sem ponta, galinha sem pé.

Quarta-feira: 09/10/2013

Após a história conversamos sobre as brincadeiras de meninos e meninas. As crianças defenderam que meninos e meninas devem brincar de tudo juntos sem ter separações, mas que às vezes o pai e a mãe acabam se tornando os grandes responsáveis pelo impedimento para que haja um maior envolvimento das crianças com brinquedos e brincadeiras.

Af (R): Tia, tia, minha mãe não gosta que eu brinque de menino, ela diz que eu sou menina e não menino, mas eu gosto de brincar de futebol com meus primos.

Am (G): A minha mãe deixa eu brincar com a minhas irmãs, mas papai não gosta, ele me bate, diz que se eu brincar vou ser mulherzinha também.

Af (A): Tia, a minha mãe deixa eu e meus irmãos brincar de boneca, de carrinho e de futebol. Ela diz que não tem problema! Meu pai também deixa.

PR:(sussurra em meu ouvido) essas crianças que concordaram em brincar com brinquedos de meninos e meninas são filhos mais velhos.

Neste dia após a atividade em sala de aula combinamos que a brincadeira do dia seria uma partida de futebol onde haveria dois times formados por meninas e meninos. Sem nenhuma resistência todos aderiram a brincadeira chamando a atenção de outras crianças da educação infantil e também das professoras que aprovaram a iniciativa de descaracterizar o futebol como uma brincadeira masculina.

Am (H): Nossa, tia, as meninas sabe jogar futebol! Legal!.

Ao final da oficina, para acalmar os ânimos da partida, ofereci às crianças uma sacola onde havia colocado duas cores de massa de modelar, rosa e azul. A brincadeira consistia em demonstrar que não bastava querer uma cor, que deveria aceitar o que lhe foi oferecido e assim cada um ficaria com a massinha para brincar como melhor aprofundesse.

Am (H): Ah...tirei rosinha! Mas tá bom, vou brincar com ela mesmo assim. (risos)

Quarto dia de Oficina: Brinquedo de menina. Brinquedo de menino.

Quinta-feira: 10/10/2013

Nesta atividade tive a intenção de verificar a reação da turma mediante a troca de brinquedos. Dividi a turma em dois grupos: meninas e meninos e dividi os brinquedos por gênero.

O: Vamos brincar?

Am e Af: Vamos!!

O: Mas tem uma regra a ser cumprida. Não pode mudar de grupo. Não pode pegar os brinquedos do outro grupo. Quem não quiser brincar pode ficar sentado na sua cadeirinha. Tudo bem?

Am e Af: sim!

O: Agora eu e a tia PR vamos colocar os brinquedos no meio de cada grupo. (a PR jogou os brinquedos no meio das meninas e eu joguei os brinquedos no meio dos meninos). As meninas não se importaram em brincar com os brinquedos masculinos. Os meninos se assustaram no primeiro momento.

Am (H): O quê? Brinquedo de menina? Credo!

Am: Olham assustados, mas depois começam a brincar com algumas exceções de meninos. Um grupo de aproximadamente oito meninos se afastam do brinquedo como se este estivesse contaminado. A PR não consegue se manter séria e rir da situação e da reação dos meninos que ainda estão muito espantados. Alguns meninos se afastam e resolvem ficar sentados em suas cadeirinhas. Mas H, além de se manter afastado se mostra indignado e reclama o tempo todo que não gosta de brinquedo de meninas.

O: Oi H. Você não vai brincar por quê?

Am (H): Isso é coisa de menina! (risos) Eu não vou brincar de boneca! (risos)

O: Que tal você brincar de fazer uma comida que goste?

Am (H): Eu não, quem cozinha é sempre a minha mãe. Isso também é coisa de mulher! (risos)

Enquanto conversávamos “H”, mesmo sorrindo muito se mostrava indignado e chamava os colegas pelos nomes dizendo *Ei fulano, isso é coisa de menina!* A maioria dos colegas não se importava com os comentários e continuavam brincando. Eu continuei a conversa com “H”.

O: Coisa de menina? O que é coisa de menina?

Am (H): (risos) é coisa de menina tia! É lavar roupa, arrumar casa, dá comida pro filho, é brincar de rosinha, fazer café, é fazer essas coisas que homem não faz se não vira mulherzinha. Menino tem que fazer coisa de menino.

O: O que é coisa de menino?

Am (H): (muitos risos) é brincar de Power Ranger! É brincar com coisa de menino.

O: Ah, seu eu brincar de Power Ranger e com coisas de menino eu vou virar um menino?

Am (H): (muita risada) não tia, você não vai virar menino. Você é mulher!

O: E como eu faço para virar um menino?

Am (H): (pensativo) você tem que nascer da barriga da sua mãe um menino.

O: Então você vai virar menina se brincar com os brinquedos dela?

Am (H): Não! Não vou virar menina. Vou sempre ser menino porque eu nasci da barriga da minha mãe menino. (risos)

Alguns minutos após a breve conversa com “H”

PR: Esse aluno tem três irmãos mais velhos e uma irmã recém-nascida. Ele é filho de pais chacareiros e analfabetos, mas que sempre procuram a escola para receber orientações de como ajudar os três filhos que estudam aqui mesmo. Mas, quando eles vem aqui sempre reclamam que a professora passa muita atividade e por isso pedem para a gente não enviar muito trabalho porque eles não sabem ler e não sabem como fazer a atividade dos filhos. A direção até tenta ajudar oferecendo em horário oposto da aula um reforço para que assim as crianças não fiquem prejudicadas. O “H” desde o começo do ano se mostrou bastante inacessível a qualquer relação assunto que envolvesse meninas. Sempre dizia em sala de aula que não queria ficar perto das meninas, se negava a pintar com lápis de cor rosa ou se quer usar o apontador de cor rosa.

A professora defende a ideia de que talvez a chegada da irmã recentemente tenha deixado “H” mais sensível e que por isso ele se negava a fazer qualquer atividade relacionada com meninas e a cor rosa. Mas que ele a cada dia vem melhorando o seu comportamento, pois mesmo antes de eu chegar para o estágio a professora já vinha trabalhando em sala de aula as questões de gênero de forma informal, pois sentia necessidade de esclarecer principalmente os meninos de que o comportamento carregado de aversões não era o caminho certo a ser cursado.

Após a conversa com a professora percebemos que “H” e as outras crianças que estavam se negando a participar da brincadeira já estavam envolvidas nos grupos, não mais se importando com as cores dos brinquedos e nem com os gêneros.

Quinto dia de Oficina: Menino pode chorar?

Sexta-feira: 11/10/2013

O objetivo desta atividade é mostrar às crianças que mesmo os sexos sendo diferentes, todos somos iguais. Em uma folha de papel pardo eu e a professora regente desenhamos apenas o contorno de duas crianças, um do sexo masculino e outra do sexo feminino. Depois de desenhar preguei as figuras na parede e juntos refletimos sobre o que meninos e meninas tem em seus corpos como olhos, boca, nariz... e os sentimentos que cada um guarda dentro de si como alegria e tristeza, sorrisos e choros. Nesse sentido eu aproveitei a oportunidade e pergunto à turma:

O: Menino chora?

Am e Af: Não! (sacodem a cabeça com veemência)

Am (JG): Só mulher chora tia! (maioria concorda com a cabeça, outros se calam)

Am e Af: É!...verdade!

Am (H): Eu não choro porque eu sou macho!

O: As meninas chora tia. Eu choro quando a minha mãe me briga.

Am (JP): É tia, as menina chora muito.

Af (A): Mas os menino também chora!

Am (M): Menino quando chora é fracote!

Am (H): Eu só choro quando a minha mãe me bate. (risadas da turma)

Af (A), Af (E), Af (C), Af (S): É mais fácil chorar quando se é menina.

Após as explicações das crianças, pedi a atenção deles e delas e passei para turma um vídeo que conta a história do “Menino Nito” do livro infanto-juvenil da autora Sônia Rosa. Após o término do filme as crianças estavam pensativas e demonstravam ter se envolvido com a história do personagem Nito. Perguntei à turma novamente o que achavam a respeito do assunto:

O: Menino pode chorar?

Am e Af: Sim!

Am (L): Tia, menino pode sim chorar. Menino também tem sentimento.

Am (H): Menino tem medo de monstros.

Af (S): Menino tem dor de barriga.

Af (V): Menino tem fome!

Am (JF): Menino também chora quando faz coisa errada e o pai, a mãe briga.

Am (M): Bom saber que meninos também choram tia!

Depois que a turma se manifesta a favor do choro dos meninos, converso com eles sobre importância de não reprimir este sentimento. Após este momento dei continuidade com outra atividade. Distribuí às crianças desenhos onde meninas e meninos deveriam escolher e colorir os brinquedos/brincadeiras que gostariam de brincar naquele momento.

Af (E): Tia posso te contar uma historinha?

O: Sim!

Af (E): Na minha casa tenho duas bonecas e elas ficam conversando: como é que é?! Você não quer casar menina? Você tem que casar! Você tem que ter um marido pra casar e ter tudo na casa! Nada de ficar de nhênhê por aí! Você tem que casar! Você tem que ser uma mocinha, por isso vá já arrumar a casa! (a turma dá muitas risadas).

PR: Que isso “E”. Desde quando a gente tem que se preocupar com casamento? Vocês tem é que estudar e ser pessoas independentes, pois quem depende dos outros pra ser feliz nunca vai conseguir ser feliz de verdade. Agora ok “E”. Vamos recolher as atividades da tia Luciane e nos preparar para a saída. Já, já os pais estão chegando.

No final da aula a garotinha “E” ainda está esperando por alguém de sua família na porta da sala e lhe faço companhia e assim aproveito para saber um pouco mais de sua história de vida.

O: Ainda está esperando “E”. Quem vem lhe buscar hoje?

Af (E): Minha avó. Mas ela anda tão devagar que sempre demora mesmo. (risos)

O: Gostei de sua historinha E.

Af (E): Minha mãe fala assim, eu aprendi com ela (risos)

O: Onde sua mãe trabalha?

Af (E): No salão de beleza, ela cuida das unhas. Olha as minhas pintadas de rosa.

O: Onde seu pai trabalha?

Af (E): Não sei quem é meu pai tia. Minha mãe disse que ele é do mundo. Minha mãe diz que um dia ela vai casar e vai ser feliz.

O: O que você quer ser quando crescer?

Af (E): Eu também vou ser feliz quando crescer, porque eu vou casar também (risos). Tchau tia, minha vó chegou.

O: Tchau “E”. Vou lembrar de você.

PR: Triste realidade né?! Mas acredito que um dia ela mudará de opinião. Eu acho. Sei que hoje é seu último dia e quero muito te agradecer, pois seu que o estágio foi seu, mas o aprendizado foi nosso. Precisando já sabe, pode contar sempre comigo.

Atividade Oficina Coisa de menina. Coisa de menino.

Nome: _____



Hoje eu vou brincar de...



Atividade da Oficina Coisa de menina. Coisa de menino.

Nome: _____

Hoje eu vou brincar de...



Atividade da Oficina Coisa de menina. Coisa de menino.

Nome: _____

